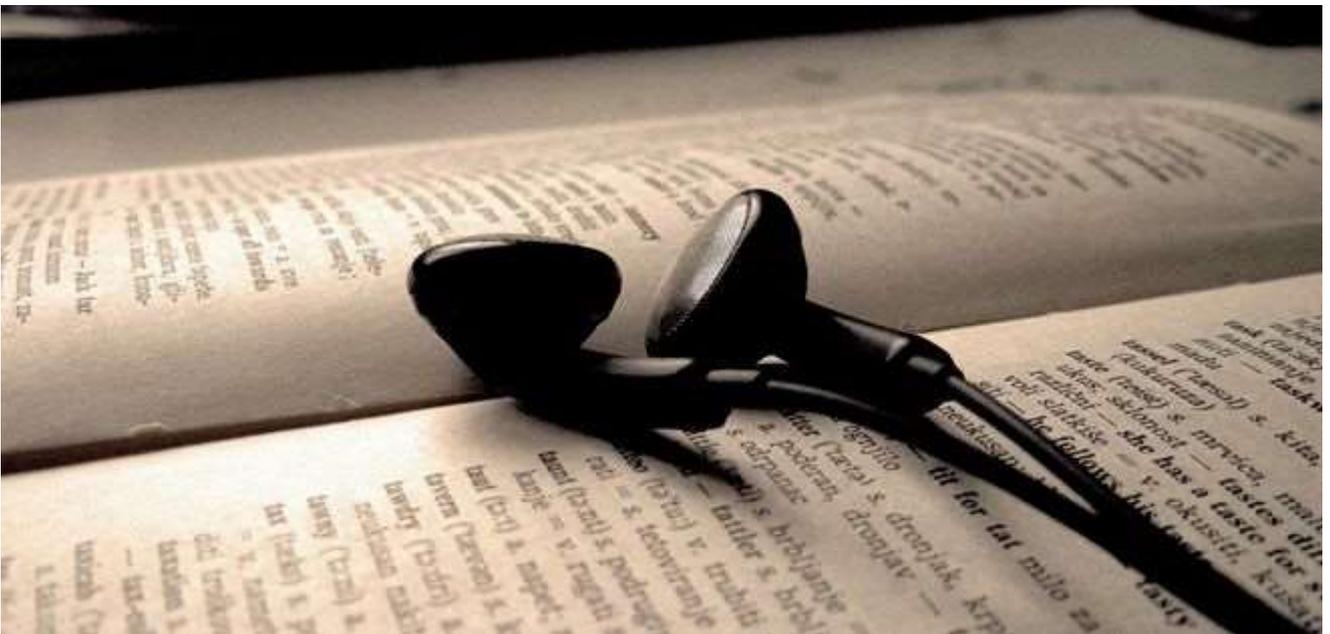


XVII CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS ENTRE LITERATURA E MÚSICA: LEITURAS, AFINIDADES, TENSÕES



IV ENCONTRO DO GT TEORIA DO TEXTO POÉTICO: PESQUISAS EM POESIA

PROGRAMAÇÃO
& RESUMOS

**XVII CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS
ENTRE LITERATURA E MÚSICA:
LEITURAS, AFINIDADES, TENSÕES
&
IV ENCONTRO DO GT
TEORIA DO TEXTO POÉTICO:
PESQUISAS EM POESIA**

**PROGRAMAÇÃO
& RESUMOS**
19 e 20 de novembro de 2015

Organização:
Programa de Pós-Graduação em Letras
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, 2015

Universidade Federal do Espírito Santo
Reitor: Reinaldo Centoducatte

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

Centro de Ciências Humanas e Naturais
Diretor: Renato Rodrigues Neto

Programa de Pós-Graduação em Letras
Coordenadora: Leni Ribeiro Leite
Coordenadora Adjunta: Maria Mirtis Caser

Comissão organizadora
Viviana Mónica Vermes (presidente)
Paulo Roberto Sodré
Wilberth Salgueiro

Secretaria geral
Letícia Rodrigues
Caroline Callegari

SUMÁRIO

7	Apresentação
9	Quadro geral da Programação das conferências e das comunicações
10	Programação do dia 19/11, quinta-feira
17	Programação do dia 20/11, sexta-feira
24	Resumos (das conferências e das comunicações)
72	Informações relativas a transporte, hospedagem e alimentação
74	Normas para envio do artigo

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) organiza a XVII edição do Congresso de Estudos Literários, a se realizar nos dias 19 e 20 de novembro de 2015 no Campus de Goiabeiras da Ufes, em Vitória.

Baseado em uma das linhas de pesquisa do PPGL, Literatura e outros Sistemas de Significação (LOSS), cuja ementa implica o “estudo e pesquisa das relações entre o discurso literário e outros discursos culturais, artísticos, científicos e filosóficos, sob o prisma das teorias semióticas e psicanalíticas e das perspectivas antropológicas contemporâneas”, o evento pretende reunir professores, pesquisadores e estudiosos, de modo a favorecer discussões atualizadas sobre as relações *interartes*, focalizando o campo da Literatura e o da Música em diferentes abordagens e metodologias.

O objetivo é colocar em debate um dos aspectos mais fascinantes dos estudos interartes: a reflexão, a teorização e a leitura crítica de *corpora* ligados à Literatura e à Música de maneira a esclarecer, problematizar e propor discussões que enfatizem as afinidades e as tensões que derivam do contato entre essas linguagens tão irmanadas desde as antigas produções de letra e de som (e voz), de poema e de pauta musical (e canto), indissociáveis até o século XV e eventualmente ligadas desde então. Desenvolver perguntas, dúvidas e respostas é o que se espera desse encontro de pesquisadores que procuram investigar e propor leituras sobre essas distintas linguagens, aproximadas, em última instância, pela sonoridade.

Em paralelo ao XVII CEL, o PPGL receberá o IV Encontro do Grupo de Trabalho (GT) Teoria do Texto Poético, filiado à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Além dos encontros que ocorrem a cada edição bianual da Anpoll, o GT tem mantido uma prática de se reunir também no ano em que não há tal edição. Assim, em 2009, realizou-se o I Encontro Nacional do GT, sob o tema geral “O legado moderno e a (dis)solução contemporânea”, na Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara. Em 2011, houve o II Encontro Nacional, com o tema “Cartografias da poesia moderna e contemporânea”, em Goiás. No ano de 2013, ocorreu o III Encontro, “Diálogos com o GT Texto Poético”, no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. Agora, em 2015, o IV Encontro se dará em Vitória, na UFES, com a apresentação pelos integrantes do GT de “PESQUISAS EM POESIA”, com temática variada.

Aos congressistas e demais participantes, damos as nossas cordiais boas-vindas!

A Comissão Organizadora.

Quadro geral da Programação das conferências e das comunicações

	19/11 – quinta-feira	20/11 – sexta-feira
MANHÃ: 9 horas Auditório do IC-2	Conferência I. ROSÂNGELA PEREIRA DE TUGNY (UFSB/CNPq): De cosmopistas, palavras-comida, proto-palavras e cantos colhidos	Conferência III. MÔNICA VERMES (UFES): O mundo da música do Rio de Janeiro (1890-1900) e a música nas crônicas de Machado de Assis
	Almoço	Almoço
TARDE: comunicações De 14 às 16 horas Auditório do IC-2 e salas do IC-4	<p>Mesa 1 - Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (1). Local: Sala 6, IC-4 Coordenador: Marcos Vinícius de Oliveira (UFJF)</p> <p>Mesa 2 - Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (1). Local: Sala 7, IC-4 Coordenador: Eduardo Neves da Silva (USP)</p> <p>Mesa 3 - O topos ou tema da música na literatura (1). Local: Sala 8, IC-4 Coordenadora: Maria Amélia Dalvi (UFES)</p> <p>Mesa 4 - O som e o ritmo na literatura (1). Local: Sala 25, IC-4 Coordenador: Pedro Marques (UNIFESP)</p> <p>Mesa 5 - A prosa e/ou a poesia na música (1). Local: Sala 27, IC-4 Coordenadora: Andressa Zoi Nathanailidis (UVV)</p> <p>Mesa GT-1 – Mapeamentos (1). Local: Auditório do IC-2 Coordenadora: Ida Alves (UFF/CNPq)</p>	<p>Mesa 10 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (3). Local: Sala 6, IC-4 Coordenador: Luciano Prado da Silva (UFRJ)</p> <p>Mesa 11 – Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (3). Local: Sala 7, IC-4 Coordenadora: Arlene Batista da Silva (UFES)</p> <p>Mesa 12 - O topos ou tema da música na literatura (3). Local: Sala 4, IC-4 Coordenador: Jefferson Diório do Rozário (UFES)</p> <p>Mesa 13 - O som e o ritmo na literatura (3) Local: Sala 25, IC-4 Coordenadora: Maria de Fátima Medina (CEULP)</p> <p>Mesa 14 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (4) Local: Sala 27, IC-4 Coordenador: Marcos Branda Lacerda (USP)</p> <p>Mesa GT-3 – Poetas (1) Local: Auditório do IC-2 Coordenadora: Solange Yokozawa (UFG/CNPq)</p>
De 16h às 16h30min	Cafezinho	Cafezinho
TARDE: comunicações De 16h30min às 18h30min Auditório do IC-2 e salas do IC-4	<p>Mesa 6 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (2). Local: Sala 6, IC-4 Coordenadora: Mariângela Alonso (USP)</p> <p>Mesa 7 – Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (2). Local: Sala 7, IC-4 Coordenador: Marcus S. Wolff (UNI-RIO)</p> <p>Mesa 8 – O topos ou tema da música na literatura (2). Local: Sala 25, IC-4 Coordenador: Paulo Muniz da Silva (UFES)</p> <p>Mesa 9 - O som e o ritmo na literatura (2). Local: Sala 27, IC-4 Coordenador: Rafael Fava Belúzio (UFMG)</p> <p>Mesa GT-2 – Mapeamentos (2). Local: Auditório do IC-2 Coordenador: Cristiano Jutgla (UESC-FAPESB)</p>	<p>Mesa 15 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (5) Local: Sala 6, IC-4 Coordenadora: Paraguassú Abrahão (UFRJ)</p> <p>Mesa 16 – Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (4) Local: Sala 7, IC-4 Coordenador: John Castro (UFMG)</p> <p>Mesa 17 - O topos ou tema da literatura na música Local: Sala 25, IC-4 Coordenadora: Thaise Madeira (UFMG/PARIS III)</p> <p>Mesa 18 - A prosa e/ou a poesia na música (2) Local: Sala 27, IC-4 Coordenador: Tadeu Taffarello (UEL)</p> <p>Mesa GT-4 – Poetas (2) Local: Auditório do IC-2 Coordenador: Norberto Perkoski (UNISC)</p>
De 18h30min às 19h	Intervalo	Intervalo
NOITE: 19 horas Auditório do IC-2	Conferência II. JORGE NASCIMENTO (UFES): Violência policial e racismo: considerações a partir da MPB	Conferência IV. Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG/CNPq): O “futebol de poesia” na Literatura e na Música Popular Brasileira

**PROGRAMAÇÃO DO DIA
19/11, QUINTA-FEIRA**

XVII CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

19/11, quinta-feira
9 horas – Auditório do IC-2

Abertura e Conferência I
ROSÂNGELA PEREIRA DE TUGNY (UFSB/CNPq)

De cosmopistas, palavras-comida, proto-palavras e cantos colhidos

Almoço

19/11, quinta-feira
14 horas – Local: Sala 6, IC-4

Mesa 1. Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (1)
Coordenador: Marcos Vinícius de Oliveira (UFJF)

1. MARCOS VINÍCIUS FERREIRA DE OLIVEIRA (UFJF)
Djavan: um lírico na indústria cultural

2. EDUARDO FERNANDO BAUNILHA (UFES)
Um Canto para o Sertão

3. GUSTAVO ARTHUR MATTE (PUCRS)
O tropical e o cartesiano em canções de Caetano Veloso

4. TAZIO ZAMBI DE ALBUQUERQUE (IFAL / USP)
“Smetak & Muzak”: a poética de *Araçá azul*

5. YASMIN ZANDOMENICO (UFES)
Vocovisual no verbo: “O Pulsar” de Augusto de Campos e de Caetano Veloso

19/11, quinta-feira
14 horas – Local: Sala 7, IC-4

Mesa 2 - Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (1)
Coordenador: Eduardo Neves da Silva (USP)

1. LIGIANA COSTA (USP), MAYA SUEMI LEMOS (UNIRIO), SILVANA SCARINCI (UFPR)
A intertextualidade entre os libretos das primeiras óperas italianas e a literatura dramática renascentista
2. EDUARDO NEVES DA SILVA (USP)
A música nas comédias de Antônio José da Silva
3. SYLVIA CRISTINA TOLEDO GOUVEIA (UnB), BEATRIZ SCHMIDT CAMPOS (UnB)
As sinfonias pastorais de Beethoven e de André Gide: um estudo da comunicação interartes à luz da melopoética e da Teoria das Tópicas
4. MARCUS VINICIUS MARVILA DAS NEVES (UFES)
Outro do mesmo Scelsi: uma análise de “occhiocanto (omaggio a Scelsi 2)”, de Augusto de Campos
5. TADEU MORAES TAFFARELLO (UEL), LÍGIA FORMICO PAOLETTI (Centro Universitário Padre Anchieta)
O percurso de deslocamento de sentido das personagens Don Juan e Estátua do Comendador presente na micro-ópera *L'uom di sasso...* (2015), de Tadeu Taffarello

19/11, quinta-feira
14 horas – Local: Sala 8, IC-4

Mesa 3 - O topos ou tema da música na literatura (1)
Coordenadora: Maria Amélia Dalvi (UFES)

1. ADRIANA FALQUETO LEMOS (UFES-Fapes), ARLENE BATISTA DA SILVA FERREIRA (UFES)
O samba como lugar do popular em *Os Colegas* (1972), de Lygia Bojunga
2. MARIA AMÉLIA DALVI (UFES)
Memória escolar e música em três poemas de *Boitempo*
3. RENATA O. BOMFIM (UFES / Faculdade Saberes)
“Triunfo de liras”: música e mito na poética de Rubén Darío
4. HENRIQUE ALBUQUERQUE FIRME (UFES)
Música, dança e literatura: o gênero e o poder em “Tango”, de Luisa Valenzuela
5. WEVERSON DADALTO (UFES)
A busca e a música para dois personagens de Julio Cortázar: Johnny Carter, de “O perseguidor”, e Horácio Oliveira, de *O jogo da amarelinha*

19/11, quinta-feira
14 horas – Local: Sala 25, IC-4

Mesa 4 - O som e o ritmo na literatura (1)
Coordenador: Pedro Marques (UNIFESP)

1. LUCAS DOS PASSOS (UFES)
No ritmo do silêncio: ideia do poema em Paulo Leminski
2. LUCA ROMANI (EMJD-Erasmus Mundus Joint Doctorate)
A música na poesia concreta do grupo Noigandres
3. VIRGÍNIA CÆLI PASSOS DE ALBUQUERQUE (UFES)
A língua lambe... o corpo e os poemas de Drummond
4. FABÍOLA PADILHA (UFES)
Canção para um romance *ex tempore*: leitura de “Trio romanesco”, de Alphonsus de Guimaraens
5. PEDRO MARQUES (Unifesp)
Alguma música na lírica colonial: alvenaria e acabamento

19/11, quinta-feira
14 horas – Local: Sala 27, IC-4

Mesa 5 - A prosa e/ou a poesia na música (1)
Coordenadora: Andressa Zoi Nathanailidis (UVV)

1. JORGE LUÍS VERLY BARBOSA (UFES-Fapes)
Letra é adorno?: a letra de canção na MPB na contramão da indústria cultural
2. ANDRESSA ZOI NATHANAILIDIS (UFES/UVV)
Sobre o tempo e a vida: uma leitura das canções “Tudo Vezes Dois” (2015) e “Mundo Cruel”, de José Miguel Wisnik
3. WALLAS GOMES ZOTELI (UFES)
Valendo-se de Regina Dalcastagnè para observar o *lugar de fala* e o modo de representação do marginalizado em “Faroeste Caboclo”, da Legião Urbana
4. GABRIEL CAIO CORREA BORGES (UFES/UVV)
A afinidade pela crônica na canção popular urbana
5. JORGE EVANDRO LEMOS RIBEIRO (UFES)
Pobre samba meu: dissonâncias e consonâncias da influência do jazz na bossa nova

IV ENCONTRO DO GT TEORIA DO TEXTO POÉTICO

19/11, quinta-feira
14 horas – Local: Auditório do IC-2

Mesa GT-1 – Mapeamentos (1)
Coordenadora: Ida Alves (UFF/CNPq)

Abertura do Encontro

1. ANTÔNIO DONIZETI PIRES / CAPES-FCT – UNESP-Araraquara; UnB
Análise de um discurso apropriado: Orfeu na cena trágica brasileira
2. CRISTINA HENRIQUE DA COSTA / Unicamp
Teoria literária e objeto literário
3. IDA ALVES / UFF-CNPq
Cenas de escrita na poesia portuguesa recente: subjetividade e condição urbana

De 16h às 16h30min: Cafezinho

XVII CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

19/11, quinta-feira
16h30min – Local: Sala 6, IC-4

Mesa 6 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (2)
Coordenadora: Mariângela Alonso (USP)

1. ADRIANNA MACHADO MENEGUELLI (UFMG/IFES)
O rap e a pólis: por uma literatura “outra”, também menor
2. CLAUDEIR APARECIDO DE SOUZA (UFES)
A canção popular dos anos 60 e 70 e a tradição da modernidade literária: uma aproximação
3. DAISE DE SOUZA PIMENTEL (UFES)
Ler e ouvir: música e literatura em trança
4. JULIA TELÉSFORO OSÓRIO (UFSC)
O ritmo Longe da aldeia: uma leitura da poesia de Rui Pires Cabral

5. MARIÂNGELA ALONSO (USP)

Uma sinfonia de palavras no horizonte ficcional de Clarice Lispector

19/11, quinta-feira

16h30min – Local: Sala 7, IC-4

Mesa 7 – Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (2)

Coordenador: Marcus S. Wolff (UNI-RIO)

1. MARCUS S. WOLFF (UNI-RIO)

A intersemiose entre literatura e música na canção: uma abordagem peirceana

2. ALLINY XAVIER (UFRGS)

A intertextualidade nas canções leninianas

3. LARISSA DE SOUZA MENDES (UFPB)

Análise semiótica da canção “Visita Suicida”, de Itamar Assumpção

4. MARIA GABRIELA V. BALARDINO (Multivix - Serra)

A poética surrealista na voz de Adriana Calcanhoto

5. NATHÁLIA LIMA (UFV)

Leonard Cohen, Fernando Pessoa e outras mídias: intertextos possíveis para a escrita contemporânea

19/11, quinta-feira

16h30min – Local: Sala 25, IC-4

Mesa 8 – O topos ou tema da música na literatura (2)

Coordenador: Paulo Muniz da Silva (UFES)

1. ANNA CAROLINA BOTELHO TAKEDA (USP)

Desconforto, excessos e rock’n roll

2. FERNANDA MAIA LYRIO (UFES)

“Um pote até aqui de mágoa”: música e teatro ou a crônica de uma tragédia anunciada em *Gota D’água* (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes

3. MARCELA OLIVEIRA DE PAULA (UFES)

Música e desbunde em cena: *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, de Caio Fernando Abreu

4. DANIELLA BERTOCCHI MOREIRA (UFES)

MPB: Muita poesia brasileira – aproximações entre poesia e música

5. PAULO MUNIZ DA SILVA (UFES)

“Tom, compasso e seu motivo” em *O som e o sentido*, de J. M. Wisnik

19/11, quinta-feira
16h30min – Local: Sala 27, IC-4

Mesa 9 - O som e o ritmo na literatura (2).
Coordenador: Rafael Fava Belúzio (UFMG)

1. ARI DENISSON DA SILVA (IFAL)
Ironia e musicalidade na narrativa de André Sant'anna
2. GUILHERME HORST DUQUE (Unicamp)
Dístico elegíaco em três movimentos: Roma, Alemanha, Brasil
3. WALLACE VIEGAS SANTOS (UFF)
A poesia sonora afro-antilhana de Luis Palés Matos
4. RAFAEL FAVA BELÚZIO (UFMG)
Lembrança de morrer de um cadáver de poeta: leitura de poema

IV ENCONTRO DO GT TEORIA DO TEXTO POÉTICO

19/11, quinta-feira
16h30min – Local: Auditório do IC-2

Mesa GT-2 – Mapeamentos (2)
Coordenador: Cristiano Jutgla (UESC-FAPESB)

1. CRISTIANO AUGUSTO DA SILVA JUTGLA / UESC-FAPESB
A poesia de resistência à Ditadura Militar (1964-1985)
2. ORLANDO LOPES ALBERTINO / UFES [convidado]
A formação histórica do gênero lírico na tradição literária ocidental em perspectiva cumulativa
3. RODRIGO GARCIA BARBOSA / UFLA
Poesia, imagem e memória: entrelaçamentos no poema
4. WILBERTH SALGUEIRO / UFES-CNPq
Crítica de poesia brasileira no século 21: encontros e desencontros

De 18h30min às 19 horas: Intervalo

19/11, quinta-feira
19 horas – Auditório do IC-2

Conferência II
JORGE NASCIMENTO (UFES)

Violência policial e racismo: considerações a partir da MPB



**PROGRAMAÇÃO DO DIA
20/11, SEXTA-FEIRA**

XVII CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

20/11, sexta-feira
9 horas – Auditório do IC-2

Conferência III
MÓNICA VERMES (Ufes)

O mundo da música do Rio de Janeiro (1890-1900) e a música nas crônicas de Machado de Assis

Almoço

20/11, sexta-feira
14 horas – Local: Sala 6, IC-4

Mesa 10 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (3)
Coordenador: Luciano Prado da Silva (UFRJ)

1. OCTÁVIO PÁEZ GRANADOS (CECH – FLUC, Portugal; CMA-HEM, Suíça)
O vilancico de negro e as suas particularidades linguísticas, retóricas e literárias
2. DENISE DE LIMA SANTIAGO FIGUEIREDO (UESC)
A literatura indianista e o reflexo na música de Carlos Gomes – o outro na Europa e o selvagem na ópera *Il Guarany*
3. ÍSIS BIAZIOLI DE OLIVEIRA (USP)
O humorismo de Nerval e as transformações temáticas de Liszt

4. LUCIANO PRADO DA SILVA (UFRJ)

Do *cantus firmus* ao *cantus fictus*: a polifonia de *...y no se lo tragó la tierra*, de Tomás Rivera

5. CAROLINA TOTI (UEL)

Melancolia como tonalidade afetiva em música e poesia

20/11, sexta-feira

14 horas – Local: Sala 7, IC-4

Mesa 11 – Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (3)

Coordenadora: Arlene Batista da Silva (UFES)

1. CLABER BORGES (UFES)

As traduções, ou ocultações, intersemióticas musicais do 1º ato, cenas 4 e 5 da peça *Romeu e Julieta* de Shakespeare

2. GUILHERME VALLS DARISBO (UFOP)

Elementos musicais enquanto busca na escrita de Mário de Andrade

3. EVANDRO SANTANA (UFES), ANDRESSA ZOI NATHANAILIDIS (UFES)

Polifonia e intertextualidade na performance poético-musical de Maria Bethânia

4. JAMILLE GHIL (UFES)

(Mais) um outro Pessoa, por Maria Bethânia

5. ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES)

A canção “Aquarela” em Libras: a intersemiose entre poesia e música no corpo performático

20/11, sexta-feira

14 horas – Local: Sala 4, IC-4

Mesa 12 – O topos ou tema da música na literatura (3)

Coordenador: Jefferson Diório do Rozário (UFES)

1. INÊS AGUIAR DOS SANTOS NEVES (UFES)

O ouvidor-mor do jazz: ficção crítico-musical em *Dois graus a leste, três graus a oeste*, de Reinaldo Santos Neves

2. JEFFERSON DIÓRIO DO ROZÁRIO (UFES)

Pela música que se habita, em “Curriculum Vitae”, de Rubem Fonseca

3. JULIANA GALVÃO MINAS (UFES)

Música e identidade no conto “Adão”, de João Anzanello Carrascoza

4. LEANDRA POSTAY (UFES)

O grito na dança em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar

20/11, sexta-feira
14 horas – Local: Sala 25, IC-4

Mesa 13 - O som e o ritmo na literatura (3)
Coordenador: Maria de Fátima Rocha Medina (CEULP)

1. MARIA DE FÁTIMA ROCHA MEDINA (CEULP)
Aboio: canto e poesia no compasso do gado
2. LEONARDO BORGES LELÉ (UFES)
Música e Literatura: a métrica literária e sua influência nas reproduções musicais das “Cantigas de Santa Maria”
3. MARIA ESTHER TORINHO (UFES)
Entre o som e o sentido: das oscilantes relações entre o libreto (Literatura) e a música no contexto da ópera até o drama wagneriano
4. MARIA BEATRIZ LICURSI CONCEIÇÃO (UFRJ)
O uso dos sons, dos ritmos e das rimas no texto literário como um recurso metodológico para o ensino de literatura
5. KELLY NOGUEIRA MARQUES (UNESP)
A influência da tecnologia na música do século XX

20/11, sexta-feira
14 horas – Local: Sala 27, IC-4

Mesa 14 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (4)
Coordenador: Marcos Branda Lacerda (USP)

1. MARCOS BRANDA LACERDA (USP)
Música e filosofia romântica em *Noites florentinas* de Heine
2. RAFAEL ALEXANDRE GOMES DOS PRAZERES (UFES)
Aproximações e tensões entre literatura e música no canto LXXV de Ezra Pound
3. LINDA KOGURE (UFES)
“Lixo e purpurina” em transposição de Caio F.: do conto à canção
4. WALACE RODRIGUES DA SILVA (PUC-Rio)
“A lição de violão”: a relação contraditória entre o artista e o público
5. HENRIQUE EDUARDO DE SOUSA (UFRN), JORGE NORMANDO DOS SANTOS FILGUEIRA (UFRN), ORLANDO BRANDÃO MEZA UCELLA (UFRN)
“Falou amizade”: sonho e história – Literatura e música na escola

IV ENCONTRO DO GT TEORIA DO TEXTO POÉTICO

20/11, quinta-feira
14 horas – Local: Auditório do IC-2

Mesa GT-3 – Poetas (1)
Coordenadora: Solange Yokozawa (UFG-CNPq)

1. SOLANGE FIUZA CARDOSO YOKOZAWA / UFG-CNPq
Reconfigurações da poesia lírica em Cesário Verde e João Cabral de Melo Neto
2. JOELMA SANTANA SIQUEIRA / UFV [convidada]
Forma poética e espaço social – leitura da poesia de João Cabral de Melo Neto
3. MARIA APARECIDA JUNQUEIRA / PUC-SP
A poesia de Marcos Siscar: razões poéticas
4. VINICIUS CARVALHO PEREIRA / UFMT
Poesia surda: revendo a noção de lírico

De 16h às 16h30min: Cafezinho

XVII CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

20/11, sexta-feira
16h30min – Local: Sala 6, IC-4

Mesa 15 – Literatura e música: aproximações teóricas e críticas (5)
Coordenadora: Paraguassú Abrahão (UFRJ)

1. GABRIELA TAVARES CANDIDO DA SILVA (UENF)
Encontros entre sociologia e música: a lógica da utilização da música na construção do processo de ensino-aprendizagem
2. PARAGUASSÚ ABRAHÃO (UFRJ)
Texto como música e interpretação
3. WILSON COÊLHO (UFF)
Literatura e música no corpo sem órgãos
4. JORGE MARQUES (UnB)
Salvem as Compositoras Populares!
5. CAROLINA FRIZZERA SANTOS (UFES)
Ecos românticos em Pixinguinha

20/11, sexta-feira
16h30min – Local: Sala 7, IC-4

Mesa 16 – Literatura e música: intertextualidade e intersemiose (4)
Coordenador: John Kennedy Pereira de Castro (UFMG)

1. LUCIANA RODRIGUES DO NASCIMENTO (UFES)

A supervalorização da subjetividade numa aproximação músico-sintática

2. FELIPE PARADIZZO (UFES)

In Walked Bud: Amiri Baraka e o deslocamento da página à música na afirmação crítica da visualização da violência

3. JOHN KENNEDY PEREIRA DE CASTRO (UFMG)

Leitura interpretativa da canção “Retiradas” de Oswaldo de Souza à construção de sentido: uma abordagem semiológica

4. IAMNI RECHE BEZERRA (UFPR)

Quando o urutu-branco pousa na Espanha: questões sobre a tradução dos poemas cantados de *Grande sertão: veredas*

5. FERNANDA NAYANNE BARBOSA E ALVES (UNIMONTES)

Notícia de morte, vinda do norte no canto do Nhambú

20/11, sexta-feira
16h30min – Local: Sala 25, IC-4

Mesa 17 - O topos ou tema da literatura na música
Coordenadora: Thaíse Valentim Madeira (UFMG/Paris III)

1. JONATHAN LUCAS MOREIRA LEITE (UFPB)

A presença do trovadorismo na canção popular brasileira: considerações sobre o disco “V” da Legião Urbana

2. PEDRO ANTÔNIO FREIRE (UFES)

O manual do mundo: leitura de “Almanaque” de Chico Buarque em perspectiva adorniana

3. ROSANA CARVALHO DIAS VALTÃO (UFES)

Regionalismo: entre a música e a literatura, o telúrico e a crítica

4. LETÍCIA SANTOS DE OLIVEIRA (UFES)

Música e Literatura: as influências que permearam as parcerias de Vinícius de Moraes e Baden Powell

5. THAÍSE VALENTIM MADEIRA (UFMG/PARIS III)

Os senhores da casa ou as senhoras do céu: tensões e representatividades na literatura brasileira e nas canções do Reinado Mineiro

20/11, sexta-feira
16h30min – Local: Sala 27, IC-4

Mesa 18 - A prosa e/ou a poesia na música (2)
Coordenador: Tadeu Taffarello (UEL)

1. DEAN GUILHERME GONÇALVES LIMA (UFES)

Uma cantiga para não morrer de um homem comum chamado Ferreira Gullar

2. GUSTAVO SANT'ANNA DE SOUZA (PUC-Rio)

A Insurreição da Voz

3. RUTZKAYA QUEIROZ DOS REIS (Centro Universitário Padre Anchieta), TADEU MORAES TAFFARELLO (UEL), LUCIANA GASTALDI SARDINHA SOUZA (UEL), DIEGO LUCIANO RODOLFO (UEL), DANIEL HENRIQUE HILÁRIO (UEL)

Relação texto-música em *Pequenos Funerais Cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo* (1969) de Almeida Prado

4. SANDRO NERY SIMÕES (FDV)

Um estudo das obras *Cenas Infantis op. 15* de Robert Schumann e *Sinfonia Fantástica op. 14* de Hector Berlioz

5. ANDRÉ DE AQUINO (UFPA)

“O chalé é como um mundo de músicas distantes”: a prosa musical de Dalcídio Jurandir

IV ENCONTRO DO GT TEORIA DO TEXTO POÉTICO

20/11, quinta-feira
16h30min – Local: Auditório do IC-2

Mesa GT-4 – Poetas (2)
Coordenador: Norberto Perkoski (UNISC)

1. NORBERTO PERKOSKI / UNISC

Encontros com a poesia: poetas da literatura ocidental – 2ª etapa

2. FRANCINE FERNANDES WEISS RICIERY / UNIFESP [convidada]

Modos diversos de atingir a Índia: gêneros literários e descontinuidade

3. SUSANA SOUTO SILVA / UFAL [convidada]

O que come o texto poético?

Reunião do GT para encaminhamentos.

De 18h30min às 19 horas: Intervalo

20/11, sexta-feira
19 horas – Auditório do IC-2

Conferência IV
ELCIO LOUREIRO CORNELSEN (UFMG-CNPq)

O “futebol de poesia” na Literatura e na Música Popular Brasileira

Encerramento do XVII CEL e do IV EGT



RESUMOS

das conferências e das comunicações do XVII Congresso de Estudos Literários e do IV Encontro do GT Teoria do Texto Poético

ADRIANA FALQUETO LEMOS (Doutoranda – UFES/Fapes), **ARLENE BATISTA DA SILVA FERREIRA** (Doutora – UFES)

flemos.adriana@gmail.com, arleneincrivel@gmail.com

Mesa 3. Dia 19/11, 14 horas. Sala 8, IC-4.

O samba como lugar do popular em *Os Colegas* (1972), de Lygia Bojunga

O trabalho investiga as manifestações populares no livro *Os Colegas* (1972), de Lygia Bojunga, por meio da análise das produções musicais dos personagens da trama, a dupla canina Virinha e Latinha, e da participação do seu bloco de rua no carnaval do Rio de Janeiro. O estudo seguirá pela análise textual das letras das músicas compostas pelos cachorros e presentes no texto literário em questão, e pelo contexto no qual elas se inserem na narrativa. O artigo terá base na perspectiva defendida pelo estudioso Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2010) de que os textos literários são composições artísticas que carregam em si uma leitura de mundo expressa pelo autor. Assim sendo, será possível – por meio da leitura do texto literário e em contraposição com a leitura de Candido – vislumbrar uma cultura da música popular e sua representação por Bojunga em sua literatura.

ADRIANNA MACHADO MENEGUELLI (Doutora – UFMG/IFES)

amdrix@gmail.com

Mesa 6. Dia 19/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

O rap e a pólis: por uma literatura “outra”, também menor

Palavras como “baioneta”, “guerra” e “morte” reverberam no *rap* brasileiro revelando tanto uma vivência margeada pela violência, quanto uma instabilidade de fronteiras, numa cartografia urbana que se reconfigura continuamente. Nesses termos, o ritmo e a poesia (*rythm and poetry*, donde se origina o neologismo *rap*) dessa manifestação, que é musical e literária, evocam o viés iniludivelmente político que emerge dessas vozes desejantes de serem ouvidas, a partir de uma estremadura que é pura instabilidade. Importa ora observar como, nessa articulação que não cessa – entre centro e periferia, entre vida rotineira e guerra –, a poesia se perfaz e se torna testemunho, comportando tanto a vivência traumática como a sobrevivência. Importa também considerar como uma teoria proposta por Deleuze e Guattari à obra kafkiana, a de

“literatura menor”, pode servir de farol para pensarmos numa literatura “outra”, também menor, cuja cadência agressiva as tortuosas redondilhas do *rap* traduzem em brado.

ALLINY XAVIER (Mestranda – UFRGS)

licaxavier@gmail.com

Mesa 7. Dia 19/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

A intertextualidade nas canções leninianas

Partindo da conceituação feita por Julia Kristeva de que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”, buscarei discutir as referências intertextuais presentes nas canções “Jack Soul Brasileiro” e “Amor é Pra Quem Ama” - de Lenine, verificando de que forma a intertextualidade figura em ambas. A noção de intertextualidade, como já fora observado na obra de Tiphaine Samoyault (2008), é instável, contudo é preciso esclarecer que, a despeito da imprecisão teórica que faz com que ela se biparta em dois sentidos distintos, trataremos aqui daquela que foi designada como uma noção poética, com análise mais limitada à retomada de enunciados literários (via citação, alusão, desvio, etc.). Nas canções recortadas da obra de Lenine, pertencentes a momentos diferentes de sua carreira, é possível verificar que suas composições trabalham com referências intertextuais; que nelas são citadas enunciados presentes em outros textos ou que a eles fazem alusão, ratificando a ideia de que todo o texto é, pois, segundo. Falarei de intertextualidade desde a perspectiva de Kristeva e de Genette (transtextualidade), sublinhando o diálogo das canções leninianas com outras obras do cancionero, da literatura ou de outras artes, pois essa é uma constante no trabalho desenvolvido por Lenine em suas mais de três décadas de carreira.

ANDRÉ DE AQUINO (Mestre – UFPA)

alvdeaquino@gmail.com

Mesa 18. Dia 20/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

“O chalé é como um mundo de músicas distantes”: a prosa musical de Dalcídio Jurandir

“Vejo a linguagem” (*R. Barthes por R. Barthes*, 1977, p. 171-172). Ver a linguagem é antes de tê-la aos ouvidos, para que antes repercuta por um potencial imaginário. R. Barthes quer dizer que vê a “partitura” antes de uma execução musical, por uma execução musical que seja a sua própria. Aqui me ponho a ouvir a música do texto de Dalcídio Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira* (1941). Primeiramente verifico todo “traço” no seu espaço do código, ou seja, toda palavra que é nela mesma uma imagem e um objeto na materialidade das suas formas. Num só passo, verifico as pancadas de som no que estabelecem de imagem visual e de significação subliminar. Me disponho a saber da paranomásia do texto de Dalcídio Jurandir, das relações entre som e sentido. Trabalho por uma exploração significativa, a que revela a prosa de Dalcídio Jurandir por uma pesquisa das formas equiparável a que se faz da poesia.

ANDRESSA ZOI NATHANAILIDIS (Doutora – UFES/UVV)

anathanailidis@gmail.com

Mesa 5. Dia 19/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

Sobre o tempo e a vida: uma leitura das canções “Tudo Vezes Dois” (2015) e “Mundo Cruel”, de José Miguel Wisnik

O presente estudo tem por escopo apresentar reflexões e suscitar debates sobre a temática do tempo nas composições “Tudo vezes dois” (2015) e “Mundo Cruel” (1992), compostas pelo professor, pesquisador literário e músico José Miguel Wisnik. Pretende-se o estabelecimento de uma leitura crítica que evidencie a instauração das temáticas “da vida” e “do tempo”, em meio aos versos das mencionadas produções. As canções abordadas neste trabalho refletem as temáticas em questão, através de conotações diferenciadas, referentes às noções de “saudade nostálgica” e “práxis-ativa”, respectivamente. Partindo-se da ideia de que as canções, assim como os poemas, também podem se constituir enquanto universos arquitetados em metáforas e construções específicas, lançaremos mão de uma base teórica híbrida, da qual emergem estudos da literatura, da música e da filosofia. Dentre os textos referenciados nesta comunicação, estão: “O Direito de Sonhar”, de Gaston Bachelard (1988); “Musicando a semiótica: ensaios”, de Luiz Tatit (1997); e “Literatura e Música”, de José Miguel Wisnik (1996).

ANNA CAROLINA BOTELHO TAKEDA (Doutoranda – USP)

annacbt@hotmail.com

Mesa 8. Dia 19/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

Desconforto, excessos e rock’n roll

Este trabalho tem por objetivo entender a presença do rock na literatura brasileira contemporânea por meio da análise da obra *A maçã envenenada* (2013), de Michel Laub. Visa-se observar a influência da poderosa indústria fonográfica americana na construção de um determinado tipo de comportamento juvenil que leva o protagonista do romance e seus amigos a escolherem caminhos que podem ser identificados como trágicos. Isso ocorre pela idolatria de ídolos responsáveis por pregarem um discurso de rebeldia. Esse é o caso do líder da banda Nirvana, Kurt Cobain, que inspira essas personagens a desejarem subverter e questionar o universo da “ordem” em que vivem e descobrir o que se pode chamar, do mundo da “desordem”. A postura do cantor é de desprezo frente às normas sociais e o sentimento de desajuste leva-o a cometer suicídio. O relato desse evento verídico na narrativa ajuda a reforçar, no entanto, a desintegração das personagens com o entorno que acaba direcionando-os a ações excessivas influenciadas por uma conduta ditada, seja pelas letras de músicas, ou por certo modelo de rebeldia criado, sobretudo pela cultura de massa. Para melhor entender esses destinos trágicos, o romance será analisado à luz do conceito de “tragédia moderna”, de Raymond Williams. Para o autor, a especificidade da tragédia na modernidade é dada pela constância do mundo da desordem que conta com produção metódica para legitimá-lo como o mundo da ordem. Portanto, o que se tem no romance é o rito de passagem que permite as personagens à consciência de que o mundo está imerso em desordem, e se algum dia a vida mostrou-se estável, a adolescência destruirá tal perspectiva. A partir desse momento, o sofrimento instala-se e o rock aparece como suporte que ampara, mas ao mesmo tempo desestabiliza as antigas crenças pela melancolia e crítica que estão presentes em suas composições.

ANTÔNIO DONIZETI PIRES (Doutor – CAPES-FCT – UNESP-Araraquara; UnB)

adpires@fclar.unesp.br

Mesa GT-1. Dia 19/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

Análise de um discurso apropriado: Orfeu na cena trágica brasileira

A narrativa mítica de Orfeu, importante poeta lendário grego e fundador do culto de mistérios que leva seu nome (Orfismo), perfaz quatro mitemas, um épico e os demais lírico-dramáticos: sua viagem com os Argonautas; seu casamento com Eurídice, logo arrebatada pela morte; sua catábase ao Hades, buscando a esposa; sua própria morte violenta nas mãos das Mênades. Aos quatro, soma-se o atributo geral do Orfeu cantor aliciador da natureza, homens e deuses, que faz dele um herói civilizador afeito à *pólis*, a ensinar através do poder da arte (música e poesia, fundamentos da educação grega) e distante das façanhas grandiosas de Hércules ou Teseu. Num movimento de reescritura incessante, a literatura e as artes reelaboram o ciclo de Orfeu em contextos sócio-histórico-culturais diferentes da origem, o que acaba por problematizar e enriquecer a própria tradição. No Brasil não é diferente, seja na poesia lírica, seja no drama teatral órfico de Vinicius de Moraes, *Orfeu da Conceição* (1956), “tragédia carioca” cuja construção discursiva e significados textuais, intertextuais e contextuais ora investigamos.

ARI DENISSON DA SILVA (Mestre – IFAL)

aridenisson@gmail.com

Mesa 9. Dia 19/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

Ironia e musicalidade na narrativa de André Sant’anna

O presente trabalho é fruto de pesquisa em andamento sobre a obra do escritor brasileiro contemporâneo André Sant’Anna (1964-). Pretendemos observar como a construção textual se apresenta à guisa de estratégia a partir da qual o elemento musical adquirirá caráter significativo em sua narrativa, em especial no romance *O Paraíso é bem bacana* (2007) e no livro de contos *O Brasil é bom*. Para esta análise, procuraremos de início entender a distinção comumente feita entre escrita e fala, através da análise de Urbano (2000) sobre a mimetização e representação das expressões de oralidade na literatura. Deter-nos-emos no fenômeno da repetição e observaremos as suas significações habituais na oralidade (sobretudo a representada literariamente), bem como na música e veremos como esse fenômeno se apresenta na obra de Sant’Anna, a partir de uma transformação de alguns traços de oralidade a partir de sua estilização. Por fim, analisaremos como essa relação entre música e narrativa acrescenta uma possibilidade de leitura irônica do texto literário.

ARLENE BATISTA DA SILVA (Doutora – UFES)

arleneincrivel@gmail.com

Mesa 11. Dia 20/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

A canção “Aquarela” em Libras: a intersemiose entre poesia e música no corpo performático

Este estudo apresenta reflexões sobre a articulação entre música e poesia no processo de tradução para a Libras. Toma como corpus de análise a tradução para a Libras da música “Aquarela”, produzida por Toquinho em parceria com Vinicius de Moraes (1983). Tem como objetivo central compreender quais os recursos expressivos em Libras permitem a recriação dos elementos poéticos e melódicos em produções visuais materializadas num corpo em movimento. Baseia-se nos estudos de Morgado (2011), Quadros e Sutton-Spence (2006), que defendem a poesia em língua de sinais como uma forma intensificada de linguagem para efeito estético, bem como nos estudos de Paul Zumthor (2007) acerca dos efeitos expressivos produzidos pelo corpo durante a performance poética para uma comunicação sensível do poeta com o mundo em que está inserido. Espera-se com este

estudo contribuir para evidenciar produções culturais em língua de sinais no contemporâneo que transitam entre o literário e o musical, contribuindo para o desenvolvimento, no interior da comunidade surda, de identidades plurais que se transformam no contato com outras culturas.

CAROLINA FRIZZERA SANTOS (Mestranda – UFES)

carolfrizzera92@hotmail.com

Mesa 15. Dia 20/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Ecos românticos em Pixinguinha

Esta comunicação visa, principalmente, demonstrar como as letras das músicas de Pixinguinha possuem afinidades com a estética romântica. As músicas deste compositor foram de enorme sucesso no início do século XX, isto é, num momento posterior ao Romantismo. Entretanto, ainda é possível notar, em suas letras, pontos de contato estético com a poesia tal como ela era feita no movimento oitocentista. Para que seja possível a realização desta análise, selecionei, especificamente, a música “Rosa” para demonstrar tais semelhanças. É notável, na letra desta música, a emulação de um *ethos* romântico por parte do eu-lírico, o que é evidenciado pelo resgate de diversas características típicas do Romantismo, tais como, por exemplo, o modo como a mulher é construída e tratada, algumas imagens poéticas utilizadas, assim como o lirismo e subjetividade que foram empregados na composição da letra da famosa canção. Assim, lançarei mão de textos críticos que estudam a estética romântica para, deste modo, fazer um breve estudo comparativo entre a letra de música escolhida e pontos estéticos do Romantismo brasileiro, com foco em alguns recursos utilizados pelos românticos na composição de poemas que tanto caracterizaram a poesia nacional dos meados do século XIX.

CAROLINA TOTI (Doutoranda – UEL)

carolina.ntoti@gmail.com

Mesa 10. Dia 20/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

Melancolia como tonalidade afetiva em música e poesia

No presente trabalho, pretende-se mostrar as expressões do humor melancólico em música e poesia. Para isto, apresentam-se as principais características da melancolia, especialmente a ambiguidade que a fundamenta. Procura-se distinguir esse humor do sentimento de tristeza. O estado melancólico é compreendido aqui enquanto emoção estética, diferente do conceito comum de melancolia como doença ou depressão. Comumente presente na contemplação de representações artísticas, este afeto não se restringe, no entanto, a contextos estéticos, predominando por vezes na visão da natureza, ou mesmo em situações cotidianas. Ligada à perda, insatisfação, falta, desejo, prazer e desprazer, a melancolia se caracteriza pela confluência de estados antitéticos: o sabor ao mesmo tempo doce e amargo que a distingue constitui uma complexidade que a diferencia de sensações imediatas como o medo e a tristeza. Este intrincamento sofisticado de emoções permite uma leitura desse humor enquanto tonalidade afetiva em música e poesia. As obras de Wordsworth, Chopin e Rimbaud são exemplos para se compreender esta perspectiva.

CLABER BORGES (Especialista – UFES)

claberborges@yahoo.com.br

Mesa 11. Dia 20/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

As traduções, ou ocultações, intersemióticas musicais do 1º ato, cenas 4 e 5 da peça *Romeu e Julieta* de Shakespeare

Quem não se lembra de qual filme é o *Tema de Tara*? Ou de qual filme é a canção *Supercalifragilisticexpialidocious*? Claro que são de... *E O Vento Levou* (*Gone with the Wind*) e *Mary Poppins*. Esses dois filmes são adaptações fílmicas dos livros... *E o Vento Levou*, romance da escritora norte-americana Margaret O’Harra lançado em 30 de agosto de 1936; e o outro do livro *Mary Poppins*, que é o primeiro de uma série de oito livros infantojuvenis, da australiana Pamela Lyndon Travers (ou P.L Travers) publicado em 1934 em Londres. Neste estudo serão investigadas as traduções, ou ocultações, intersemióticas musicais de dois filmes que são adaptações da peça *Romeu e Julieta* escrita, possivelmente entre 1591 e 1595 por William Shakespeare. São eles *Romeo and Juliet* de Franco Zeffirelli de 1968 e *Romeo + Juliet* de Baz Luhamann de 1996. O foco e o recorte da análise será o 1º ato, cenas 4 e 5, observando a razão das escolhas musicais, seus momentos culturais na História e o resultado obtido em cada tradução, tendo como foco a misoginia da personagem Mercúcio. Como instrumental teórico serão usados os seguintes textos: *Traduções Intersemióticas* de Julio Plaza; *Uma Teoria da Adaptação* de Linda Hutcheon e *Semiótica e Filosofia* de Peirce.

CLAUDEIR APARECIDO DE SOUZA (Doutorando – UFES)

souzaclaudeir@yahoo.com.br

Mesa 6. Dia 19/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

A canção popular dos anos 60 e 70 e a tradição da modernidade literária: uma aproximação

Dos novos tempos deflagrados pela instauração da modernidade artística, nos quais artistas como Charles Baudelaire impuseram suas estéticas e propiciaram novos gêneros, irrompe uma preocupação, levantada por trabalhos como os de Antoine Compagnon e Walter Benjamin, com formas de expressão capazes de nortear a própria compreensão das vanguardas e o trabalho das mesmas na cultura. No limiar dessa discussão, interessa-nos flagrar o Brasil da segunda metade do século XX, às voltas com as injunções históricas e as efervescências do pós-guerra. Ali encontramos uma conjuntura na qual a poesia encontra na Canção Popular um suporte privilegiado de expressão, perfazendo um momento singular de experimentação e apuro da expressão poética. No mesmo movimento, flagramos, por sua vez, a perda de certa aura da poesia canônica. Resulta que a Poesia e a Canção Popular compartilham de um surto de criatividade, resultante do enfrentamento de setores da cultura às demandas da sociedade industrial e autoritária.

CRISTIANO AUGUSTO DA SILVA JUTGLA (Doutor – UESC-FAPESB)

crisaug2005@yahoo.com.br

Mesa GT-2. Dia 19/11, 16h30min. Auditório do IC-2.

A poesia de resistência à Ditadura Militar (1964-1985)

Apresentarei os resultados da pesquisa de pós-doutoramento “A poesia de resistência à Ditadura Militar (1964-1985)” realizada em 2013-2014 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trata-se de uma *poesia de testemunho*, ideia sustentada porque sua fatura se dá intrinsecamente entre texto e contexto. Nesse sentido, os poemas se configuram em diálogo pelos direitos humanos ao tempo em que elaboram uma memória diversa à leitura da história oficial pós Anistia. A partir da análise de um corpus, procurei compreender

alguns aspectos estruturais, contexto de produção, de recepção, suportes de circulação e fortuna crítica. A poesia de resistência, escrita e publicada durante e/ou após o fim da ditadura, não tem sido objeto de trabalhos de fôlego com exceção de artigos esparsos e poucas pesquisas, o mesmo podendo ser dito da bibliografia primária, de difícil obtenção se comparada com o atual interesse das editoras de grande porte pelas tendências consagradas da poesia contemporânea, segundo provam as recentes reedições de livros esgotados e/ou raros, bem como publicações de obras completas.

CRISTINA HENRIQUE DA COSTA (Doutora – Unicamp)

cristinahenriquedacosta@hotmail.fr

Mesa GT-1. Dia 19/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

Teoria literária e objeto literário

Refletindo sobre os excessos de "teorização" na abordagem do "objeto literário", esta comunicação pretende explorar duas ferramentas que não compartilham das visões teóricas da literatura: a leitura pelo ângulo da imaginação poética, proposta por Bachelard, e a hermenêutica de Ricoeur. Observando o fato que tanto uma como a outra propõem pensar de dentro da própria filosofia saídas críticas para a abordagem da literatura, procurar-se-á verificar se não haveria também, nas abordagens muito teóricas e aparentemente não filosóficas, certos pressupostos filosóficos ocultados, sobre os quais seria igualmente necessário discutir. Por este aspecto, as duas ferramentas aqui exploradas estarão o tempo todo confrontadas com duas atitudes extremas que podem, de fato, ser debatidas no plano da filosofia: estruturalismo e historicismo.

DAISE DE SOUZA PIMENTEL (Doutora – UFES)

daise_pimentel@uol.com.br

Mesa 6. Dia 19/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Ler e ouvir: música e literatura em trança

A relação entre literatura e música tem-se mostrado profícua ao longo da história; muitas obras musicais apresentam um texto literário submetido à música, assim como encontramos música erudita e canções populares transcritas literariamente. Neste trabalho, pretendo mostrar como a literatura se apropria da música para criar peças únicas, apresentando o conto do escritor norte-americano Sherman Alexie, "Because my father always said he was the only Indian who saw Jimi Hendrix play 'The star-spangled banner' at Woodstock". Como alguns escritores brasileiros (lembrando-me de José Miguel Wisnik e de Antonio Cícero), Sherman Alexie também é músico, daí a intimidade com a linguagem musical expressa em vários textos. Nesse conto, um narrador conta como seu pai, um índio americano, viveu a ebulição dos anos 1960. Entre hippies, protestos contra a guerra do Vietnã, a violência da prisão e a relação passional com a mulher, a vida do protagonista, assim como o conto, desenrola-se a partir de um momento emblemático: o momento em que Jimi Hendrix tocou "The star-spangled banner", em Woodstock. Para melhor exposição do tema música na literatura, recorrerei a diferentes textos literários, e a alguns estudos específicos, que sobressaem numa seleção prévia: ensaios reunidos no livro *Western music and its others: difference, representation, and appropriation in music*, de David Hesmondhalgh e Georgina Born; *O fetichismo na música e a regressão da audição, Sobre música popular, Moda intemporal – sobre o jazz e Indústria cultural e sociedade*, de Adorno; *Feminine Endings: music, gender, and sexuality*, de Susan McClary; *Rock and roll:*

uma história social, de Paul Friedlander; *História & Música*, de Marcos Napolitano e artigos de João Bosco, entre outros.

DANIELLA BERTOCCHI MOREIRA (Doutoranda – UFES)

bertocchi_921@hotmail.com

Mesa 8. Dia 19/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

MPB: Muita poesia brasileira – aproximações entre poesia e música

Tendo como pano de fundo os anos finais da ditadura militar e o período de efervescência da poesia marginal, Leila Míccolis homenageia, em 151 poemas que fazem parte de *MPB: Muita poesia brasileira* (1982), os “poetas da música popular brasileira” com o intuito de demonstrar que “ideia provoca ideia, rima gera rima, que o processo criativo é uma constante transformação das informações que nos chegam, através da música, importantíssima na poesia da década de 1970, inclusive até mais do que a própria literatura escrita” (MÍCCOLIS). A proposta da comunicação é analisar a obra em questão buscando quantificar e relacionar autores e temáticas usados pela autora em sua aproximação entre poesia e música popular brasileira, em especial nos poemas escritos a partir de músicas produzidas na década de 1970. O recorte proposto se ampara na ideia de que essa década foi uma época de grandes transformações na música e na literatura, num fenômeno “não apenas sonoro, mas num produto escrito. O que era voz [...] se converte em grafia, marcando o ponto máximo desses movimentos de equivalência e identidade” (SANT’ANNA).

DEAN GUILHERME GONÇALVES LIMA (Mestrando – UFES)

deanguilherme@hotmail.com

Mesa 18. Dia 20/11, 16h30min. Sala 27, IC-4

Uma cantiga para não morrer de um homem comum chamado Ferreira Gullar

Com poemas escritos entre os anos 1962 e 1975, a obra *Dentro da noite veloz* marca a maturidade poética de Ferreira Gullar. Nela, o poeta é um militante político que luta contra o imperialismo, o latifúndio opressor e também com as palavras ao tentar expor, em versos, suas recordações amorosas, sua revolta com o salário injusto, com a humilhação e com a tortura. Dada, então, a impossibilidade que o poeta tinha de se expressar abertamente haja vista sua situação de exilado, a sua poesia surge como a possibilidade de romper com o silêncio e a morte que o cercavam. Assim, este trabalho se prestará à análise dos poemas “Cantiga para não morrer”, musicado, em 1984, por Raimundo Fagner, e “Homem comum”, adaptado e musicado por Sueli Costa na década de 1980 para abrir o programa político do PCB, através da consideração de aspectos tanto literários quanto históricos e filosóficos, mostrando como eles se relacionam. Para tal empreitada, a comunicação se fundamentará nos ensaios “O que significa elaborar o passado”, de Theodor Adorno, e “Lembrar escrever esquecer”, de Jeanne Marie Gagnebin, e no livro *Poesia e política – a trajetória de Ferreira Gullar*, de Eleonora Camenietzki.

DENISE DE LIMA SANTIAGO FIGUEIREDO (Mestranda – UESC)

deniselsantiago@gmail.com

Mesa 10. Dia 20/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

A literatura indianista e o reflexo na música de Carlos Gomes – o outro na Europa e o selvagem na ópera *Il Guarany*

O romantismo literário do qual faz parte José de Alencar se caracteriza, sobretudo pelo indianismo. A necessidade da construção identitária da nação brasileira perpetua-se nas artes e o indianismo também se faz presente no âmbito musical, tendo em Carlos Gomes um dos seus maiores representantes. A análise do percurso histórico do compositor dão pistas a princípio de mais *outra* na Europa. Porém diante do deslocamento na construção do seu espaço dentro do contexto da música italiana (re)cria-se a partir da influência literária o bom selvagem que é tão necessário para a própria identificação com a nação tão distante e o entretenimento da plateia europeia avida pelo *exótico*. Assim, o texto intenta mostrar o percurso construído por Carlos Gomes até a composição da ópera *Il Guarany* a fim de aproximar-se da identidade nacional idealizada sem perder o vínculo com a hegemonia europeia. Toma-se como base teórica para realização no campo literário, historiografia musical e no campo de discussão identitária estudiosos e pesquisadores como SPIVAK (2010); HALL (2014); SAID (1992); TODOROV (2014); ANDRADE (1980); MARIZ (2010); STRAUSS (2008)

EDUARDO FERNANDO BAUNILHA (Doutorando – UFES)

mestrebaunilha@ig.com.br

Mesa 1. Dia 19/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

Um Canto para o Sertão

Neste artigo discorreremos sobre a história do Sertão de Canudos revelada por Euclides da Cunha, e da figura lendária de Antonio Conselheiro transfigurados na letra da música Canudos, composta por Edu Lobo e Cacaso e interpretada pelo próprio Edu Lobo. Na letra da música, os autores elencam plantas da região compondo o lugar, ao mesmo tempo que descrevem as ações e a personalidade do Conselheiro, desenhando um painel interessante daquelas paragens. Para nossa análise lançaremos mão do pensar de críticos como Abguar Bastos, Modesto de Abreu, Walnice Galvão, Olímpio Andrade e, entre outros, de José Leonardo Nascimento.

EDUARDO NEVES DA SILVA (Doutorando – USP)

edu_nsp@hotmail.com

Mesa 2. Dia 19/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

A música nas comédias de Antônio José da Silva

Pretendemos discutir em que medida a presença da música nas chamadas “óperas” joco-sérias, escritas e produzidas pelo comediógrafo luso-brasileiro Antônio José da Silva (1705-1739), contribui para a formação de um teatro total, eivado de espetacularidade barroca. Tais peças eram encenadas por marionetes no Teatro do Bairro Alto em Lisboa e fizeram imenso sucesso durante as décadas de 1730, muito embora o público da época ignorasse quem fosse seu autor. Na produção teatral de Antônio José da Silva, a música, na forma de árias e recitados, carrega não só a função de expressar a sentimentalidade das personagens e o conflito dramático entre elas, mas também de ensejar momentos de pura comicidade. Trataremos, em especial, de três “óperas” joco-sérias, a saber, *Esopaida ou vida de Esopo* (1734), *Os encantos de Medeia* (1735) e *As variedades de Proteu* (1738); sem nos furtarmos, porém, de fazer referências a outras obras do autor, quando assim for necessário. A fim de enriquecer a discussão, valer-nos-emos do aporte teórico de Johan Huizinga, no que tange ao aspecto lúdico da música; de estudos sobre o Barroco de Affonso Ávila e de

Jean-Pierre Cavaillé; e de trabalhos críticos sobre o teatro de Antônio José da Silva, tais como, os de José Oliveira Barata, Francisco Maciel Silveira e Paulo Roberto Pereira.

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN (Doutor – UFMG-CNPq)

emcor@uol.com.br

Conferência IV. Dia 20/11, 19 horas. Auditório do IC-2.

O “futebol de poesia” na Literatura e na Música Popular Brasileira

Em ensaio publicado em janeiro de 1971 no jornal *Il Giorno*, o famoso cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975), num tom paródico diante de certo “academicismo”, esboçou uma tentativa de elaborar uma “semiologia do futebol”. No ensaio “Il calcio ´é´ un linguaggio com i suoi poeti e prosatori”, Pasolini estabelece as categorias de *calcio di prosa* (“futebol de prosa”) e *calcio di poesia* (“futebol de poesia”) para diferenciar esteticamente o futebol europeu, especialmente o italiano, do futebol praticado na América Latina, tendo por foco o futebol brasileiro. Tal “leitura” do futebol proposta por Pasolini foi estabelecida à luz da partida final do Mundial do México, que reuniu no Estádio Asteca a *Squadra Azzurra* e a Seleção Canarinho, no dia 21 de junho de 1970, quando o time de ouro sagrou-se Tri-Campeão mundial e inscreveu, definitivamente, na construção identitária a designação de “país do futebol”. A paixão de Pasolini pelo futebol advinha da crença de que a cultura popular seria um terreno de luta política, e de que o futebol seria um elemento importante da cultura contemporânea. Além disso, tal paixão levou Pasolini a atribuir, de maneira original, ao futebol uma linguagem própria, definindo-a como um sistema de signos que possuiria todas as características fundamentais da linguagem falada-escrita.

Para a nossa contribuição, adotaremos a categoria de “futebol de poesia” proposta por Pasolini, no intuito de refletirmos sobre a relação entre Futebol, Literatura e Música Popular Brasileira. Uma das características do “futebol de poesia” seria o drible, o momento de “subversão” que, assim como o gol, seria sua expressão por excelência: “Quem são os melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gols? Os brasileiros. Portanto, o futebol deles é um futebol de poesia – e, de fato, está todo centrado no drible e no gol.” (Pasolini) Cabe lembrar que o caráter lúdico e a diversão sempre marcaram a relação do jogador brasileiro com a bola, caráter esse que parece estar desaparecendo frente ao senso coletivo que tolhe a individualidade técnica. Por isso, falarmos de “futebol de poesia”, hoje em dia, parece implicar um “olhar nostálgico”. A título de um pequeno *corpus* de análise selecionamos os poemas “O anjo das pernas tortas” (1962), de Vinícius de Moraes e “Gol” (2006), de Ferreira Gullar e as canções “Ponta de lança africano” (1975), de Jorge Ben e “O Futebol” (1989), de Chico Buarque de Hollanda como exemplos de “tradução” dessa “linguagem poética”.

EVANDRO SANTANA (Mestre – UFES), ANDRESSA ZOI NATHANAILIDIS (Doutora – UFES-UVV)

evandro-st@uol.com.br, anathanailidis@gmail.com

Mesa 11. Dia 20/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

Polifonia e intertextualidade na performance poético-musical de Maria Bethânia

A presente comunicação tem como propósito estabelecer debates e reflexões acerca da intertextualidade na performance de Maria Bethânia, bem como o trabalho de criação desenvolvido pela artista no momento da apresentação dos poemas, que são acompanhados musicalmente, formando assim um texto único, que estabelece uma relação

de intertextualidade com o texto poético que é recitado. Devido à amplitude de textos hábeis à análise crítica, foram selecionadas as seguintes canções: “Cartas de amor”; “Poema do Menino Jesus” e “Eros e Psiquê”, todos de Fernando Pessoa. Para a viabilização do trabalho serão adotadas obras que se relacionam aos seguintes teóricos: Bakhtin, do qual usaremos o conceito de polifonia e de texto; Paul Zumthor, autor que discorre sobre a questão do discurso e da oralidade; Jakobson, que apresenta o conceito de tradução intersemiótica, e Patrice Pavis, que discute a questão da performance de maneira ampla (ou seja, abrange as diversas manifestações de performance).

FABÍOLA PADILHA (Doutora – UFES)

fabiolapadilha27@gmail.com

Mesa 4. Dia 19/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

Canção para um romance *ex tempore*: leitura de “Trio romanesco”, de Alphonsus de Guimaraens

Leitura do poema “Trio romanesco”, de Alphonsus de Guimaraens, que integra a coletânea *Pastoral aos crentes do amor e da morte*, organizada e publicada postumamente por João Alphonsus, um dos filhos do poeta, em 1923. Pretende-se realizar uma análise desse poema, articulada com base no enredamento vida e poesia, responsável pela atmosfera lúgubre que predomina nesse tríptico de tonalidade menor, a timbrar a dor que pulsa nos versos merencórios do “solitário de Mariana”. A metodologia utilizada contará, para esse propósito, com conhecimentos específicos de poética bem como com informações de cunho biográfico acerca do autor em pauta.

FELIPE PARADIZZO (Mestre – UFES)

felipeindex@gmail.com

Mesa 16. Dia 20/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

***In Walked Bud*: Amiri Baraka e o deslocamento da página à música na afirmação crítica da visualização da violência**

O presente trabalho pretende refletir sobre o projeto lírico-político empreendido pelo poeta norte-americano Amiri Baraka e executado na mediação formal entre a poesia e o jazz. A pesquisa enfoca a busca de Baraka por fazer emergir a visibilidade das questões raciais implícitas na violência urbana gerida pelo sistema penal e nos artefatos da cultura afro-americana. Para tal fim, analisar-se-á o poema *In Walked Bud* e os aspectos estéticos e políticos da recriação da canção de Thelonious Monk. A legitimidade do reconhecimento da violência urbana é o ponto final do estudo sobre o processo de ruptura com os elementos conservadores que Baraka rejeita ao deslocar-se das estruturas formais da poética modernista estadunidense e encontrar na música afro-americana o campo de batalha para a luta que travou contra o silêncio da erudição.

FERNANDA MAIA LYRIO (Mestre – UFES)

fernanda.lyrio@hotmail.com

Mesa 8. Dia 19/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

“Um pote até aqui de mágoa”: música e teatro ou a crônica de uma tragédia anunciada em *Gota D’água* (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes

Se a música, sozinha, cria mundos virtuais, sensações e quadros emocionais para o seu ouvinte, no teatro, ela ganha outros contornos, dando ao ator, ao texto, e à condução do enredo novas perspectivas, novos olhares, novos mundos. Na peça *Gota D'água* (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes, a música, homônima ao texto dramático, não é um mero artefato acompanhante da(s) cena(s), pelo contrário, a canção de Chico Buarque é a cena e toda a condução da tragédia carioca, do início ao fim. À luz de estudiosos do teatro moderno, como Jean-Pierre Ryngaert e Jean-Jacques Roubine, e, por meio de críticos e ensaístas da tragédia moderna, como Raymond Williams e Peter Szondi, a proposta apresentada visa a situar as relações que a música estabelece com as personagens principais da obra, Joana, a Média carioca, e Jasão, o sambista compositor, ampliando o psicologismo dessas personagens e, a mais ainda, “seduzindo” os espectadores da peça.

FERNANDA NAYANNE BARBOSA E ALVES (Graduada – UNIMONTES)

nandanayd@hotmail.com

Mesa 16. Dia 20/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

Notícia de morte, vinda do norte no canto do Nhambú

O trabalho que ora propomos apresentar é um recorte de uma pesquisa monográfica intitulada *O canto do Nhambuzim no grande sertão*. Propõe-nos observar a tradução intersemiótica de uma passagem específica do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, para a música “Notícia do Norte”, do grupo paulista Nhambuzim. Assim, nosso objeto é o romance em detrimento da música. Tecemos entre esses dois canais comunicativos análises comparativas. Para tanto, foi utilizada a semiótica como método de ligação entre essas linguagens a partir da perspectiva de autores como Hildo Honório Couto e Lúcia Santaella, além de outros que nos ajudaram com discussões e observações sobre alguns breves e relevantes aspectos musicais, como Murray Schafer e James Russel, que nos alertaram para questões como a paisagem sonora e a possibilidade de sentimentos comuns entre pessoas diferentes despertados por uma mesma música. As relações intersemióticas devem ser exploradas de tal modo a proporcionar novas possibilidades de estudo, trabalho e interpretação. Ao analisarmos o processo intersemiótico, bem como ao avaliarmos até que ponto a música se assemelha ao romance, chegamos às conclusões de que esses sistemas são complementares e ganham novas dimensões quando contrapostos. As considerações aqui desenvolvidas contribuirão para novos olhares e novas perspectivas tangentes aos estudos relacionados a Guimarães Rosa, bem como aos estudos sobre a relação música-literatura.

FRANCINE FERNANDES WEISS RICIERI (Doutora – UNIFESP)

francine.idt@terra.com.br

Mesa GT-4. Dia 20/11, às 16h30min. Auditório do IC-2.

Modos diversos de atingir a Índia: gêneros literários e descontinuidade

Publicado em 2010, *Uma Viagem à Índia: Melancolia Contemporânea (um itinerário)*, de Gonçalo M. Tavares, é um poema narrativo, com 10 seções denominadas “cantos”, que se organiza, entre outros aspectos, por analogias formais com *Os Lusíadas*, para mencionar apenas um dos livros com que dialoga. Além de cada canto da obra contemporânea conter o exato número de *estâncias* presentes no poema de Luís de Camões, discernem-se outras aproximações, em diversos níveis, o que parece permitir supor que o modo de produção de sentidos do poema mais recente possa ser entendido como *relacional*. O objetivo da presente proposta de exposição é conduzir uma análise

comparativa entre o Canto IX de *Os Lusíadas* e aquele que lhe corresponde, na obra de Tavares. O objetivo central do trabalho é examinar mais detidamente como a narrativa de um banquete e de um encontro centrado no comprazimento erótico (culminância da *viagem* aludida no título) foi explorado na obra contemporânea, em cujo subtítulo delinea-se um itinerário, ancorado no termo “melancolia”. Esboçam-se, ainda, alguns movimentos de análise da *poética* que acompanharia o projeto ficcional do livro, bem como das peculiaridades e das indefinições de gênero literário de *Uma Viagem à Índia* (que dialoga com a tradição épica, com a tradição do poema narrativo dos séculos XIX e XX, bem como com produções *romanescas* como o *Ulisses*, de James Joyce). Como esse livro especificamente pode contribuir com redimensionamentos de tais tradições é questão não alheia à discussão.

GABRIEL CAIO CORREA BORGES (Mestre – UFES/UVV)

gabrielcaiocorreia@hotmail.com

Mesa 5. Dia 19/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

A afinidade pela crônica na canção popular urbana

No Brasil, a música popular urbana se estruturou intimidade para com o desenrolar da experiência cotidiana nas cidades. Semelhante fator ocasionou o surgimento de narrativas no cancionário popular que versassem sobre essa cotidianidade, acompanhando a implicância do desenvolvimento urbano sobre o surgimento de um paradigma moderno e as consequências disto sobre uma sociedade consideravelmente desigual como a brasileira. A confluência entre poética cotidiana e canção popular arregimentou nesta a proximidade para com uma modalidade discursiva tipicamente brasileira que, ao aproximar o texto literário do jornalístico, se propõe a abordar as sutilezas do cotidiano através de uma linguagem leve e descontraída: a crônica; termo que ganhou essa definição peculiar no Brasil. O trabalho proposto considera investigar como ocorre a afinidade do cancionário popular urbano pelo discurso da crônica. Focalizando na obra de cancionistas urbanos tais como Noel Rosa e Adoniran Barbosa, procurará localizar na crônica os elementos que possibilitam ao compositor popular a articulação de uma narrativa própria acerca das experiências dos viventes da urbanidade brasileira. Também importante será a possibilidade de considerar no discurso de certas canções a criação de crônicas relacionadas a setores comumente esquecidos pelos discursos do poder, fortalecendo na narrativa a relação entre cotidianidade e memória.

GABRIELA TAVARES CANDIDO DA SILVA (Mestranda – UENF)

gabrielatcandido@gmail.com

Mesa 15. Dia 20/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Encontros entre sociologia e música: a lógica da utilização da música na construção do processo de ensino-aprendizagem

A pesquisa apresenta uma análise sobre como a música pode ser usada na sala de aula, quem são os professores que fazem uso dessa ferramenta e como fazem, procurando compreender como a música pode ajudar na construção da “mediação didática” (Alice Ribeiro Casimiro Lopes, 1999). O objetivo traçado é pensar como as categorias capital cultural, mediação didática, imaginação sociológica, abordagem sociocultural se inscrevem na construção e manutenção da música como método didático e prático utilizado pelo professor que o faz, em sala de aula.

GUILHERME HORST DUQUE (Doutorando – Unicamp)

guihoduque@gmail.com

Mesa 9. Dia 19/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

Dístico elegíaco em três movimentos: Roma, Alemanha, Brasil

O dístico elegíaco foi na Antiguidade uma das formas poéticas mais cultivadas, tendo sido usado para uma gama bem diversificada de assuntos: poemas de exortação, de aconselhamento, de temática fúnebre ou amorosa. Particularmente cara às tradições poéticas subseqüentes foi a elegia erótica romana, cujo legado foi em grande parte responsável por acentuar a proximidade da elegia ao lamento – neste caso, lamento amoroso. Séculos mais tarde, na Alemanha, J. W. von Goethe se apropriaria da forma na composição de suas *Elegias Romanas* (1795) e nos *Epigramas Venezianos* (1796). Tendo em vista, portanto, duas produções em épocas diferentes e em línguas diferentes que se aproximam pelo metro utilizado, o tradutor que se aventura em verter as elegias de Tibulo, Ovídio e Goethe para o português se depara com uma decisão arriscada: uniformizar a solução métrica ou diversificá-la? Neste trabalho, gostaria de fazer alguns apontamentos sobre o assunto trazendo em conjunto algumas possibilidades de tradução.

GUILHERME VALLS DARISBO (Graduando, IC–UFOP)

darisbo@gmail.com

Mesa 11. Dia 20/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

Elementos musicais enquanto busca na escrita de Mário de Andrade

A comunicação é baseada em artigo que busca, usando como referências trabalhos de Gilda de Mello e Souza e Manuel Cavalcanti Proença, uma amostragem possível das ocorrências da aplicação de estruturas de composição musical nos escritos de Mário de Andrade - *Amar, verbo intransitivo: idílio*; *Macunaíma - o herói sem nenhum caráter*; "Prefácio interessantíssimo"; "Terapêutica musical"; correspondência, analisando nestes cruzamentos de linguagem entre Literatura e Música as possíveis inserções na busca de um imaginário nacional pelo autor.

GUSTAVO ARTHUR MATTE (Mestrando – PUCRS)

lontravoadora@gmail.com

Mesa 1. Dia 19/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

O tropical e o cartesiano em canções de Caetano Veloso

Ao visitar o Brasil na primeira metade dos anos 1960, o filósofo alemão Max Bense formulou uma série de reflexões sobre a vida intelectual brasileira, posteriormente publicadas em um livro intitulado *Inteligência Brasileira: uma reflexão cartesiana*. Nessas reflexões, Bense identifica dois componentes básicos da cultura brasileira: o espírito tropical e o cartesiano – orgânico vs geométrico, vegetativo vs estrutural. Assim, o pensamento brasileiro, naquele momento, estaria sob tensão dialética entre a linguagem “matemática” e a linguagem “botânica” e, nesse sentido, Max Bense apresenta exemplos que se identificam com um polo ou outro, nas artes plásticas e na poesia, mas também nas propostas arquitetônicas e urbanísticas de cidades como Rio de Janeiro (vegetativo, tropical, extensão da natureza) e Brasília (estrutural, cartesiano, extensão da inteligência). Não há, entretanto, qualquer menção à música brasileira e seus processos estéticos. Nesse sentido, proponho uma reflexão a respeito do projeto tropicalista de Caetano Veloso, argumentando que o

caráter distintivo de sua obra durante o período tropicalista é justamente uma fusão entre tropical e cartesiano, dialogando diretamente com as vanguardas concretas e com a exuberância musical dos ritmos populares brasileiros. Exemplificando: em “Batmacumba”, composta em parceria com Gilberto Gil, a espacialidade visual da poesia concreta aparece, mas é contrabalanceada por uma sonoridade festiva que desestabiliza o programa estrutural da poesia. Além desse, vários outros exemplos podem ser encontrados em canções do álbum *Jóia* (1975), em que o minimalismo estrutural é explorado no nível rítmico, melódico e harmônico, ao mesmo tempo que as roupagens de estilos tropicais dadas às canções contrabalanceia seu rigor estrutural, criando uma “quase-geometria”. *Jóia*, assim, encaixa-se no que Max Bense escreve sobre os jardins do MAM (RJ), criados por Burle Marx: “uma estética cosmológica que dirige e corrige o crescimento tropical caotogênico da desordem por meio de graus mais elevados de organização”.

GUSTAVO SANT’ANNA DE SOUZA (Mestrando – PUC-Rio)

gustavosantanna10@gmail.com

Mesa 18. Dia 20/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

A Insurreição da Voz

O trabalho em epígrafe investiga os elementos não-lexicais, todavia produtores de sentido, na performance vocal dentro do campo da canção. Tomam-se como norte epistemológico os estudos do suíço Paul Zumthor, que, ao falar sobre voz poética, afirma que ela transcende a linguagem simbólica e manifesta suas qualidades materiais no tom, timbre, altura e demais elementos não linguísticos, porém expressivos e instauradores de presença. Nossa pesquisa vem se desenvolvendo em torno de alguns desses elementos, buscando entender melhor como atuam, de que maneira se organizam e por meio de que parâmetros produzem diferenças e semelhanças que afetam diretamente a produção de sentido no âmbito da língua em seu estado musical. Paralelamente, adotamos como conceito teórico-empírico a proposição do compositor e linguista brasileiro Luiz Tatit, para quem, no universo da palavra cantada, a eficácia da linguagem poética provém das potências da entoação. Assim, buscamos na investigação de aspectos sonoros relacionados à fala e à oralidade (acentuação, intensidade, duração, timbre, curva entoativa, etc.) – subjacentes aos fundamentos musicológicos da canção –, os elementos materiais que dão subsídio a nossas elucubrações teóricas e proposições estéticas.

HENRIQUE ALBUQUERQUE FIRME (Mestrando – UFES)

henriqueaf@live.com

Mesa 3. Dia 19/11, 14 horas. Sala 8, IC-4.

Música, dança e literatura: o gênero e o poder em “Tango”, de Luisa Valenzuela

Neste trabalho, pretende-se observar, a partir do conto “Tango”, presente na obra *Símetrias* (1993), de Luisa Valenzuela, as relações de poder entre os gêneros. Utilizando signos como a dança e a música culturalmente características da Argentina, o trabalho visa pontuar como as relações assimétricas de poder ocorrem em todos os meios sociais, a todo o momento, mesmo na dança e na música. Portanto, verificar como as opressões de gênero estão cristalizadas até mesmo em atividades culturais socialmente aceitas e difundidas. O trabalho visa, então, analisar como a opressão do homem em relação à mulher ocorre a partir da sedução da dança, da música e do ambiente em que o tango acontece. Para isso, a partir da noção de que o gênero é construído socialmente, culturalmente e historicamente, trabalhos de Guacira Lopes Louro (1997) serão utilizados para analisar as relações e

diferenciações entre gênero, sexo e sexualidade. Para compreender as relações de poder e ligação entre o feminino com o masculino, noções do pensamento de Michel Foucault (2011) e Pierre Bourdieu (2007).

HENRIQUE EDUARDO DE SOUSA (Doutor – UFRN), JORGE NORMANDO DOS SANTOS FILGUEIRA (Doutor – UFRN), ORLANDO BRANDÃO MEZA UCELLA (Mestre – UFRN)

henriqueedu_sousa@hotmail.com,

jorgenormando@yahoo.com.br,

orlandoucella@gmail.com

Mesa 14. Dia 20/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

“Falou amizade”: sonho e história – Literatura e música na escola

Nesta comunicação, abordaremos as relações entre literatura e música e os seus desdobramentos culturais, no âmbito da educação básica, especificamente, no Ensino Médio. De modo geral, a canção, objeto privilegiado das relações entre literatura e música, aparece de forma inadequada em sala de aula, uma vez que as abordagens didático-pedagógicas cristalizadas desconhecem ou ignoram a natureza híbrida do gênero canção, ou seja, a intersemiose letra e música. Dessa maneira, considerando a conjugação de linguagens, traço basilar da canção, proporemos uma abordagem que leve em consideração as particularidades dessas linguagens para uma interpretação no contexto do ensino. Para tanto, tomaremos como objeto de estudo a canção “Falou amizade”, de Caetano Veloso (1988), identificando os seguintes aspectos: a) o texto verbal (materialidade sígnica, tessitura imagética, elementos discursos e outros); b) texto musical (melodia, ritmo, entonação e outros); e c) os efeitos de sentido produzidos por essa interação de linguagens. Ademais, tais aspectos serão didatizados através de um projeto de letramento na escola. Os aportes teórico-metodológicos de nossa investigação são oriundos dos estudos da canção: Tatit (2004, 2012); Santuza (2010); Ferreira (2008); Oliveira (2002); e Aguiar (1998), Campos (1968); e dos estudos de letramento e didática da literatura: Soares (2006), Oliveira (2008), Santos, Riche e Teixeira (2012), Cosson (2006, 2014), Bunzen e Mendonça (2006), Zilberman e Rösing (2009), Dalvi, Rezende, Jover-Faleiros (2013) e Sousa (2013). Com esse estudo, acreditamos que as relações entre literatura e música encontram no espaço escolar um ambiente instigador no qual voz, letra e cultura dialogam entre si, produzindo sentidos possíveis na contemporaneidade.

IAMNI RECHE BEZERRA (Mestranda – UFPR)

iamnireche@gmail.com

Mesa 16. Dia 20/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

Quando o urutu-branco pousa na Espanha: questões sobre a tradução dos poemas cantados de *Grande sertão: veredas*

A partir de uma leitura a par com os estudos de Jacques Derrida acerca da tradução literária, este trabalho propôs a leitura dos poemas cantados presentes no romance roseano traduzido para o espanhol, *Gran sertón: veredas* (1967), pelo tradutor e poeta Ángel Crespo. Quando Derrida, em diversos textos, mas sobretudo em *A farmácia de Platão* (1991), discute questões acerca da origem do texto traduzido, nos atenta à existência de dois textos distintos: a tradução possui uma dimensão que reafirma dizeres do original, mas também ultrapassa esse original, se afasta dele ao se aproximar da sua própria história de produção. O texto de Crespo apresenta, portanto, uma quantidade inesgotável de referências ao universo de Guimarães Rosa e do sertão brasileiro. E, para além disso, apresenta outra quantidade inesgotável de referências a sua própria cultura (ambiente de

chegada dessa tradução), à literatura espanhola e às tradições literárias e musicais presentes nesse solo. Nesse sentido, foi possível reconhecer nas canções traduzidas de *Gran sertón: veredas*, geralmente entoadas por Riobaldo durante os momentos de descanso entre batalhas, elementos da tradição oral de poesia cantada da Espanha medieval – questões que possibilitaram a discussão sobre a convivência do universo popular e do erudito, a partir da presença de um registro híbrido desses poemas cantados na cultura lírica espanhola do século XIII.

IDA ALVES (Doutora – UFF-CNPq)

idafalves@gmail.com

Mesa GT-1. Dia 19/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

Cenas de escrita na poesia portuguesa recente: subjetividade e condição urbana

Trata-se de apresentar, ainda que em brevidade, algumas escritas poéticas fortes no panorama atual da poesia portuguesa, discutindo-se figurações da subjetividade e modos de percepção do espaço urbano a partir das ideias de aceleração, frenagem e deslocamentos. Sentidos da condição urbana no presente e práticas de escrita poética.

INÊS AGUIAR DOS SANTOS NEVES (Mestre – Saberes/UFES)

inessantosneves@saberes.edu.br

Mesa 12. Dia 20/11, 14 horas. Sala 4, IC-4.

O ouvidor-mor do jazz: ficção crítico-musical em *Dois graus a leste, três graus a oeste*, de Reinaldo Santos Neves

O objetivo deste trabalho é elaborar algumas reflexões sobre a convergência entre literatura e música conforme desenvolvida na obra *Dois graus a leste, três graus a oeste*, do escritor capixaba Reinaldo Santos Neves, em que o protagonista, José Garibaldi Magalhães, é um aficionado de jazz. Nossa metodologia será primordialmente comparativa, com dois focos de análise: em primeiro lugar, tomando por base o conceito de ficção crítica defendido por Oscar Gama Filho no ensaio “Metacrítica: A crítica da crítica,” compararemos as abordagens de Mário de Andrade em *O banquete* e de Reinaldo Santos Neves na obra em estudo; e, em segundo lugar, confrontaremos os textos “A volta ao piano de Thelonius [sic] Monk”, de Julio Cortázar, incluído em *Valise de Cronópio*, e “Campus: Thelonious Monk”, de Reinaldo Santos Neves, na obra em estudo, que tratam desse importante pianista de jazz, valendo-nos inclusive, para esse confronto, de dois textos do crítico de jazz Sérgio Karam (autor do *Guia do Jazz* publicado pela L&PM): o prefácio de *Dois graus a leste, três graus a oeste* e o ensaio “Julio Cortázar e o jazz”. Em breve complemento, usaremos conceitos de Jorge Luis Borges e Harold Bloom, parafraseando-os, respectivamente, como “*discoteca de preferências*” e “*amor musical*”, para aplicá-los à obra em foco, particularmente ao texto “Garibaldiana: Um quê do melhor do jazz segundo Garibaldi”. Por fim, mencionaremos também, a título de ilustração, alguns críticos locais que apontaram conexões entre a técnica literária de Reinaldo Santos Neves, tanto na narrativa como na poesia, e a música.

ÍISIS BIAZIOLI DE OLIVEIRA (Doutoranda – USP)

isis.biazioli@gmail.com

Mesa 10. Dia 20/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

O humorismo de Nerval e as transformações temáticas de Liszt

Neste artigo procuraremos comparar procedimentos composicionais da escrita de Gérard de Nerval com os da música de Franz Liszt. Aqui, nos interessará em especial a exploração das rápidas mudanças de caráter nas obras desses dois artistas românticos. Depois de uma introdução sobre a importância das interações entre as Artes no século XIX e o papel da Música como arte referencial nesse contexto, buscaremos comparar dois procedimentos de construção poética do escritor parisiense e do músico húngaro: a transformação temática deste e o humorismo daquele. Em outras palavras, tentaremos verificar em que sentido podemos ler Nerval como um humorista, onde, em narrativas não lineares, o autor explora uma ampla gama de humores – isto é, afetos – rapidamente sucedidos uns pelos outros. Paralelamente, buscaremos ouvir e compreender as transformações temáticas nas obras em Liszt, nas quais o compositor propõe – pela alteração de ritmos, texturas, timbres e andamentos – “meios diferentes de executar o mesmo tema, mudanças do estilo de performance que impõem mudanças dramáticas de caráter” (Rosen, 1995: 644). Cada um, empregando os recursos técnicos de seu campo de atuação, acaba por discutir os limites das formas (musicais) e dos gêneros (literários) e coloca em evidência as vacilações “da fantasia caprichosa” (Addison, apud Baldensperger, 1907: 180) do sujeito. Lemos e ouvimos um processo quase tão fluente quanto o do próprio pensamento livre, em que a racionalidade organizada do classicismo dá lugar, pelo menos na aparência, a um discurso como que improvisado e cambiante.

JAMILLE GHIL (Graduada – UFES)

jamilleghil@gmail.com

Mesa 11. Dia 20/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

(Mais) um outro Pessoa, por Maria Bethânia

Com a passagem de Vinícius de Moraes da série literária para a canção popular, houve um estreitamento na relação entre música e literatura no Brasil (Wisnik, 2004). No contexto dessa interface, destacamos o trabalho de Maria Bethânia como intérprete que, ao completar 50 anos de carreira em 2015, é reconhecidamente uma das responsáveis pela popularização de Fernando Pessoa através da palavra cantada. O presente trabalho visa a analisar a performance de Bethânia na canção “Mensagem”, gravada no disco *Imitação da Vida* (1997), como atualização do poema “Todas as cartas de amor são”, de Álvaro de Campos, a partir do debate feito por Ruth Finnegan (2008) sobre palavra cantada e performance. Pretende-se identificar e analisar as formas como o poema foi alterado e, portanto, recriado nessa performance a fim de lançarmos mão do seguinte debate: ao realizar mudanças no poema, um outro Pessoa é levado ao palco? Nesse sentido, dialogaremos com a instigante provocação lançada por Jerónimo Pizarro a respeito da fragmentariedade do poeta: Pessoa existe?

JEFFERSON DIÓRIO DO ROZÁRIO (Doutorando – UFES)

jdioriodorozario@yahoo.com.br

Mesa 12. Dia 20/11, 14 horas. Sala 4, IC-4.

Pela música que se habita, em “Curriculum Vitae”, de Rubem Fonseca

A filosofia de Heidegger traz um questionamento sobre a possibilidade de um habitar a partir do construir. Essa investigação filosófica parte da constatação de que, num modelo social em que impera a técnica, vive-se uma crise habitacional, o que significa afirmar que pessoas não têm habitado de fato - compreendido por Heidegger como resguardar ao vigor

e à essência. Essas considerações, presentes na publicação brasileira de *Ensaio e conferências*, de 2008, podem ser relacionadas à seguinte constatação: a crise habitacional de que nos fala Heidegger se verifica também para o eu mínimo (LASCH, 1987), típico da sociedade contemporânea. E, a partir do que se verifica, um questionamento: se a ele também pertence essa crise, como lhe seria possível o habitar? A resposta é pelo poético. Diante disso, este trabalho tem por objetivo um estudo do conto “Curriculum Vitae” (1963), de Rubem Fonseca, em que a música, no conto, apresenta-se como o poético que permite esse habitar heideggeriano. O conceito de poético a ser desenvolvido é o que nos é apresentado por Roland Barthes, em *Crítica e verdade*, na edição brasileira de 2003. Assim, o estudo busca compreender em que medida é possível ao eu mínimo (LASCH, 1987), pela música, habitar poeticamente (HEIDEGGER, 2008).

JOELMA SANTANA SIQUEIRA / UFV

jandraus@ufv.br

Mesa GT-3. Dia 20/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

Forma poética e espaço social – leitura da poesia de João Cabral de Melo Neto

O poeta João Cabral de Melo Neto manifestou, algumas vezes, sua preferência pelo espaço rural, ressaltando não apenas o quanto a vivência no interior do nordeste o marcou, mas também a presença recorrente do interior de Pernambuco em sua poesia. A partir desse dado do poeta e de sua obra, pretendo identificar e discutir relações entre o espaço figurado na poesia e o trabalho de construção da forma poética cabralina.

JOHN KENNEDY PEREIRA DE CASTRO (Doutorando – UFMG)

johndecastro@hotmail.com

Mesa 16. Dia 20/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

Leitura interpretativa da canção “Retiradas” de Oswaldo de Souza à construção de sentido: uma abordagem semiológica

Considerando a influência do geofísico do sertão nordestino brasileiro nas composições de Oswaldo de Souza, compositor norte-rio-grandense (1904-1995), a canção “Retiradas” traduz com força expressiva e descritiva a realidade da vida sertaneja ocasionada pela situação climática típica do sertão nordestino: a seca. Esta situação adversa tem, ao longo de décadas, impulsionado o deslocamento de seus habitantes em busca de outros lugares onde possam, conduzindo o gado sobrevivente, encontrar água. A canção “Retiradas” de Oswaldo de Souza é um fiel retrato desse elemento humano configurado através do movimento de desbravamento dos sertões em busca de pastagens, ainda que escassas, para o gado extensivo. Em torno desse aspecto social se entrelaçam características socioculturais e religiosas, curadas a partir das relações de senhorio e empregados profundamente hierarquizadas dentre seus habitantes. O presente artigo busca apresentar uma leitura interpretativa da canção “Retiradas” de Oswaldo de Souza como ato criativo à construção de sentido. Tomando como base teórica os textos do modelo tripartite da Semiologia Musical apresentada por Jean Jacques Nattiez e demais autores que contribuem ao entendimento da imagem, conceito transversal, como um operador de leitura às instâncias tradutórias tanto na produção quanto na recepção da canção. Fazemos tais leituras a partir da compreensão e liberdade interpretativa sobre o poema e os aspectos de contexto geofísico, ideológico e histórico que o mesmo se reporta. Esses elementos extras ao texto e estrutura musical, aos quais chamamos de remissões extrínsecas, segundo Pádua

(2009), são os mesmos que se referem às significações afetivas, emotivas, imagéticas, ideológicas, etc., que o compositor, o executante e o ouvinte vinculam à música.

JONATHAN LUCAS MOREIRA LEITE (Mestrando – UFPB)

moreira_jon@hotmail.com

Mesa 17. Dia 20/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

A presença do trovadorismo na canção popular brasileira: considerações sobre o disco “V” da Legião Urbana

Apesar do pouco espaço ocupado nas universidades brasileiras pelos estudos medievais, já existem relevantes trabalhos que analisam as ressonâncias do trovadorismo na arte brasileira moderna e contemporânea. A tradição dos cantadores, o movimento armorial e a canção popular vêm sendo objeto de algumas pesquisas nesse campo de estudo, como exemplo, citamos a pesquisa de Calado (2000) *Chico Buarque: um moderno trovador*. Entendemos que as relações entre a poesia dos trovadores e a canção popular suscitam, obrigatoriamente, discussões sobre as ligações tão próximas que existem entre a literatura e a canção, valendo lembrar que na poesia trovadoresca a música e a literatura ainda não haviam ganhado a autonomia que conhecemos hoje na era moderna. Este trabalho tem como objetivo analisar as ressonâncias da literatura trovadoresca nas canções da Legião Urbana presentes no disco “V”. Nossa análise utiliza como arcabouço teórico o conceito de *Neotrovadorismo* discutido por Maleval (2002), López (1994), e os principais aspectos e características que envolvem o movimento trovadoresco, trazidos à baila pelos medievalistas Spina (1956) e Dronke (1978), o poeta e ensaísta Paz (1994); além das discussões sobre canção popular propostas por, entre outros, Perrone (2008) e Ribeiro Neto (2000). O trabalho desenvolve algumas considerações sobre as marcas trovadorescas nos textos do autor escolhido e analisa com mais atenção a canção Metal contra as nuvens em comparação com a poética dos trovadores.

JORGE EVANDRO LEMOS RIBEIRO (Mestre – UFES)

jorge.evandro@hotmail.com

Mesa 5. Dia 19/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

Pobre samba meu: dissonâncias e consonâncias da influência do jazz na bossa nova

O advento da Bossa Nova no Brasil foi um dos pontos chave da nossa História que levantou os ânimos para a discussão de questões como identidade cultural e, por conseguinte, o nacionalismo. Um dos mais representativos bossanovistas, conhecido como Carlos Lyra, a par das críticas pela qual passava a BN, compôs a letra da música “A influência do jazz” (“Para não ser um samba com notas demais / não ser um samba torto, pra frente, pra trás / vai ter que se virar pra poder se livrar / da influência do jazz”). Ela nos servirá, portanto, de mote para, a partir da polêmica Bossa Nova, discutir a tensão influência-nacionalismo sem deixar de lado o que mais importa que é o prazer de estar papeando sobre música. Como Stuart Hall, entendemos a identidade na pós-modernidade como algo complexo, provisória e perturbadora. Nesse sentido, a Bossa Nova surge com uma das propostas de se impor musicalmente sua visão de nação em frente a tudo que estava influenciando na época.

JORGE LUÍS VERLY BARBOSA (Doutorando – UFES-Fapes)

jorgeverly@uol.com.br

Mesa 5. Dia 19/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

Letra é adorno?: a letra de canção na MPB na contramão da indústria cultural

Partindo da nota de rodapé número 7 do ensaio “Sobre música popular”, de Theodor Adorno, em que o filósofo sinaliza a dependência entre letra e música num contexto de standardização da música popular, do mesmo modo como na propaganda ocorre uma inter-relação entre imagem e palavra, procuraremos realizar uma leitura a contrapelo dessa concepção adorniana, evidenciando que, no caso específico da música popular brasileira, a junção entre letra e música contribui justamente para um processo de “dissidência” da indústria cultural, seja pela inventividade de sua construção formal, seja por seu potencial crítico em relação aos próprios mecanismos de standardização da canção. Para tal, realizaremos uma discussão das relações entre letra e música a partir das canções “Leros leros e boleros”, de Sérgio Sampaio, em que o binômio literatura-música se evidencia na relação de construção metalinguística entre poesia e letra, e “Parque industrial”, de Tom Zé, em que a crítica aos mecanismos de produção e difusão industrial da cultura é transformada na construção de uma letra ironicamente feroz sobre esta mesma indústria. Como balizamento analítico-teórico para o estudo das canções, além das teses do próprio Adorno sobre a música popular, serão pertinentes as concepções de Umberto Eco a respeito do jogo entre canção de consumo e “canção diferente” e as observações de Henry Burnett e Marcos Napolitano sobre as relações entre a indústria cultural e a MPB.

JORGE MARQUES (Doutor – UnB)

jorgelmarques@globo.com

Mesa 15. Dia 20/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Salvem as Compositoras Populares!

Se a música brasileira constitui, reconhecidamente, uma das mais importantes manifestações artísticas do manancial cultural de nosso povo, o ambiente acadêmico não lhe oferece, nem de perto, o prestígio correspondente. Dessa maneira, ainda são raros os estudos que se debruçam sobre o assunto. No que diz respeito ao estudo da obra de compositoras, o caso é ainda mais dramático. Com efeito, elas estão à margem da margem, porque, além de suas obras fazerem parte de um gênero que a academia insiste em rotular de paraliterário e considerar de menor qualidade artística, a autoria feminina na canção popular é sistematicamente posta de lado, através de um processo que redundava em consequências graves, que transitam entre o apagar e o esquecer. Pretendemos com as reflexões contidas nessa comunicação refletir acerca das letradas mulheres em nosso cancionário popular, em um trabalho que constitui excerto de livro do autor sobre a temática.

JORGE NASCIMENTO (Doutor – UFES)

jorgelizn@gmail.com

Conferência II. Dia 19/11, 19 horas. Auditório do IC-2.

Violência policial e racismo: considerações a partir da MPB

A partir de referências expressas em letras de canções populares brasileiras e RAPs produzidos e/ou veiculados a partir da segunda metade do S. XX, pretende-se discutir a questão da violência policial relacionada ao racismo, mais especificamente, contra negros pobres das cidades, favelas e periferias urbanas brasileiras. Diferentemente da imagem construída de uma grande democracia racial, a formulação social do Brasil, desde sua

gênese, possui características autoritárias e excludentes que repercutem na contemporaneidade. Uma das consequências de tal processo é o tratamento diferenciado dado pelos aparelhos policiais e jurídicos às populações das classes populares, principalmente aos negros. Tal processo, por outro lado, reflete em representações estético-artísticas populares que tratam de maneiras distintas tal situação, expressando visões diferentes que, conforme Homi Bhabha, escapam de uma “visão pedagógica” da história, através de práticas “performáticas” que subvertem as narrativas históricas tradicionais.

JULIA TELÉSFORO OSÓRIO (Doutoranda – UFSC)

juliaosorio@gmail.com

Mesa 6. Dia 19/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

O ritmo *Longe da aldeia*: uma leitura da poesia de Rui Pires Cabral

Neste trabalho, apresento uma discussão sobre ritmo a partir da análise de poemas publicados pelo poeta português contemporâneo Rui Pires Cabral em seu livro *Longe da aldeia* (Averno, 2005). Meu objetivo é compreender a maneira pela qual se estabelece, formalmente, a relação entre o sujeito poético e as marcas da contemporaneidade registradas nesta obra, discussão essa que é cara à antologia que lançou o nome do poeta no atual cenário poético-literário lusitano, intitulada *Poetas sem qualidades* (Averno, 2002), organizada pelo também poeta em atividade Manuel de Freitas. Em sua poesia, Pires Cabral opta pelo verso livre para compor sua poética, o que possibilita, a cada texto, múltiplas leituras rítmicas. Diante disso, nesta comunicação, procuro articular uma reflexão teórica, apoiada nas considerações da teoria musical, acerca do ritmo com a finalidade de compreender o modo como determinados conceitos poético-formais - como células métricas, acentuação e *enjambement* - são mobilizados em tal obra, na medida em que eles se constituem como importantes estratégias composicionais para a materialização da ideia de *versus*, ou seja, de retorno no espaço do poema, o que possibilita ao leitor o reconhecimento do ritmo na poesia de Rui Pires Cabral.

JULIANA GALVÃO MINAS (Mestranda – UFES)

jugminas@gmail.com

Mesa 12. Dia 20/11, 14 horas. Sala 4, IC-4.

Música e identidade no conto “Adão”, de João Anzanello Carrascoza

No conto “Adão”, parte do livro *Espinhos e alfinetes* (Record, 2010), João Carrascoza reproduz trechos de letras de músicas populares brasileiras associadas a lembranças das personagens. Além de relembrar os momentos passados com a mãe, entre outras sensações, o menino Adão reflete sobre os significados das palavras enquanto canta, sobre a relação sintática entre elas, a qual, ele observa, altera o efeito das canções sobre os ouvintes, bem como sobre as imagens que os sons das palavras lhe suscitam. Assim, Carrascoza traça a percepção do protagonista sobre as coisas por meio da música. Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma leitura da prosa do escritor paulista, especificamente do referido texto, atendo-se à construção de uma leitura de mundo a partir da manifestação artística musical. O trabalho será realizado sob o amparo das apreciações críticas de George Steiner presentes na obra *Linguagem e silêncio*, em que a questão da linguagem verbal como abarcadora da experiência humana é discutida.

KELLY NOGUEIRA MARQUES (Doutoranda – UNESP)

kellymarkes@hotmail.com

Mesa 13. Dia 20/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

A influência da tecnologia na música do século XX

Este trabalho baseia-se na minha Tese de Mestrado que desenvolvi acerca da influência da tecnologia nas obras do compositor Luciano Berio na segunda metade do século XX. Assim este trabalho tem o objetivo de analisar como a invenção de tecnologias no âmbito da música impulsionou a transformação da linguagem musical. De fato, toda invenção tecnológica no campo da música reflete-se em mudanças na concepção musical. A integração das novas realidades na música não se limitou à reflexão de influências através dos processos tradicionais, mas aproveitou de modo extraordinário os desenvolvimentos tecnológicos e as descobertas científicas, tanto a nível acústico, psicoacústico, como dos novos instrumentos e possibilidades da técnica. A música no século XX foi marcada por uma inovação estético musical, onde a tecnologia e os compositores estiveram associados na intenção de desenvolver música em comum, evidenciando as consequências do uso direto da tecnologia e técnicas de composição. A tecnologia foi determinante no aspecto composicional de muitas obras, designadamente o conhecimento da tecnologia fomentou uma maior riqueza de estratégias na estruturação das obras. Assim serão consideradas duas obras que tiveram a marcante presença da tecnologia em sua composição: “Thema - Omaggio a Joyce” (1958) e “Laborintus 2” (1965) do compositor Luciano Berio. Além de comprovar a presença dos elementos novos: novos sons, novos timbres, novos ritmos, novas estruturas musicais, novos materiais, novos interesses e fazer uma relação direta do som e o ritmo na Literatura.

LARISSA DE SOUZA MENDES (Mestranda – UFPB)

laramendes@hotmail.com

Mesa 7. Dia 19/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

Análise semiótica da canção “Visita Suicida”, de Itamar Assumpção

Este artigo intenciona fazer uma análise semiótica da canção “Visita Suicida”, de Itamar Assumpção, que se encontra no disco *Pretobrás Vol. III* do artista, cuja temática desenvolve-se no campo da violência. A análise da canção se perfará com base na Teoria Geral dos Signos, proposta pelo americano Charles Sanders Peirce. Nesse sentido, os principais teóricos que embasam este trabalho são, além do próprio Peirce, Lucia Santaella e Winfried Nöth. Deve-se notar que a canção é uma instância artística que privilegia a intersemiose, uma vez que não abarca somente signos verbais, mas também musicais, que também serão analisados. Nessa perspectiva, tem-se em vista identificar e caracterizar os modos de representação, estabelecidos pela teoria em questão, encontrados na canção: icônico, indexical e simbólico. O foco deste trabalho, contudo, será analisar o aspecto indexical da canção, de modo a compreender de que forma esta estabelece elos com a realidade. Dessa maneira, observando-se a temática presente em toda canção, que constitui uma cena de violência, o artigo tematizará, como um viés indexical, a dominação masculina e violência de gênero, principalmente com base nos estudos teóricos desenvolvidos por Bordieu e Saffioti. Pretende-se, através dessa análise, propor uma leitura da canção, explorando os possíveis sentidos produzidos, de forma consciente ou não, nos processos de semiose proporcionados pelo corpus.

LEANDRA POSTAY (Mestranda – UFES)

leandra.postay@hotmail.com

Mesa 12. Dia 20/11, 14 horas. Sala 4, IC-4.

O grito na dança em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar

O livro *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, tem como um dos pontos centrais de seu enredo o incesto entre os irmãos André, personagem e narrador, e Ana. É a partir do cenário de desejo e interdição que a narrativa se desenvolve. Desse modo, Ana se constitui como uma das protagonistas da história, por isso, é curioso notar que, apesar do destaque que lhe é dado, a irmã não aparece como enunciadora em nenhum momento. Ana é apresentada por André como uma dançarina apaixonada e o silêncio da moça torna os momentos de expressão corporal significativos. Estes são dois: no capítulo 5, André rememora as festas da família, marcadas sempre pela música e pela performance da irmã; no capítulo 29, uma dessas festas acontece e Ana dança no meio da roda instantes antes do desfecho trágico, sendo atentamente observada e descrita pelo irmão. O presente trabalho se propõe a analisar tais cenas, considerando a dança como o momento ativo de Ana e percebendo de que modo a personagem fala – ou grita – enquanto dança. Serão estudados, ainda, aspectos formais que levam a narrativa a assumir certa musicalidade para enquadrar o desempenho da dançarina. Para isso, serão estabelecidos diálogos com o livro *Ritos da paixão em Lavoura arcaica*, de André Luiz Rodrigues, e com o texto "A estrutura musical no romance - o caso Érico Verissimo", de Silvano Santiago.

LEONARDO BORGES LELÉ (Graduando, IC – UFES)

leobl09@hotmail.com

Mesa 13. Dia 20/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

Música e Literatura: a métrica literária e sua influência nas reproduções musicais das “Cantigas de Santa Maria”

A valiosa coleção das *Cantigas de Santa Maria* do repertório galego português, de autoria atribuída ao rei Alfonso X representam uma valiosa fonte de estudos na área da literatura e da música. Trata-se de um dos maiores repertórios de temática sacra composto em linguagem e formas profanas tendo grande relevância pelo modo como foi organizado e pela valiosa riqueza de seu repertório com suas 400 cantigas, sendo elas divididas entre as de milagre, que narram milagres feitos ou intercedidos pela Virgem aos que dela se faziam devotos, e as cantigas de louvor, que compostas na primeira pessoa representam a profunda devoção do rei para com a Mãe de Deus. Um dos grandes dilemas relacionado a essas cantigas gira em torno de sua reprodução tendo em vista que no período quais foram compostas a notação musical, como é conhecida hoje, ainda não havia sido criada, tornando-se assim basicamente impossível reproduzi-las semelhantemente como foram compostas. Uma das hipóteses é a de que se utilizando das teorias da métrica na literatura consiga-se uma adequação do tempo e do ritmo para a reprodução das cantigas, e é em cima desta hipótese que foi baseada esta pesquisa, tentando compreender até que ponto a métrica literária influenciou em determinadas reproduções musicais de cinco cantigas de louvor reproduzidas por grupos musicais da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Esta pesquisa se direciona ao eixo temático de O som e o ritmo na literatura.

LETÍCIA SANTOS DE OLIVEIRA (Graduanda, IC – UFES)

leticiasoliveira1@gmail.com

Mesa 17. Dia 20/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

Música e Literatura: as influências que permearam as parcerias de Vinícius de Moraes e Baden Powell

A mitologia e cultura africanas influenciaram a construção cultural do Brasil desde seu início com a vinda dos escravos que, além de construir, tentaram manter sua identidade no novo país que lhes fora imposto. No início a cultura negra, não tão explícita e mascarada pela cultura branca, acabou-se por misturar com as influências cristãs vindas da Europa de uma maneira tão intrínseca que hoje não há como desligá-la de nossa cultura como um todo. A partir de fins do século XVIII e início do século XIX alguns compositores começaram a empregar elementos folclóricos e negros em sua música, e a partir do século XX houve maior interesse pela apropriação destes elementos na música popular - em especial o samba e suas vertentes - e, de certa maneira, tentar compreender neles seus elementos religiosos e mitológicos. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar o significado atribuído por Vinícius de Moraes e Baden Powell na obra *Os Afro Sambas* de 1966, trazendo à tona uma leitura que tentou se aproximar da visão que esses compositores tiveram dessa cultura e religião, e de seus significados atribuídos tanto nas obras poéticas quanto no acompanhamento musical, que também foram associados aos elementos musicais utilizados nos terreiros Candomblé, com o objetivo de compreender quais foram as motivações artísticas que embasaram as onze obras de parceria entre Vinícius de Moraes e Baden Powell que compuseram o corpus de análise dessa pesquisa que se direciona ao eixo temático dos temas da literatura na música.

LIGIANA COSTA (Doutora – USP), MAYA SUEMI LEMOS (Doutora – UERJ), SILVANA SCARINCI (Doutora – UFPR)

ligianac@gmail.com, mayasuemi@gmail.com, silscarinci@gmail.com

Mesa 2. Dia 19/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

A intertextualidade entre os libretos das primeiras óperas italianas e a literatura dramática renascentista

O libreto de ópera vem clamando por seu estatuto de objeto literário – autônomo ou não da música – desde o surgimento de um ramo da musicologia chamado libretologia, em meados dos anos 80. A questão colocada é: pode este gênero literário ter sua autonomia ou ele depende, para fazer sentido, de sua adaptação à música? As interseções entre o repertório teatral escrito e semi-improvisado (em especial italiano e espanhol) e os primeiros libretos de ópera serão o tema desta comunicação, que deseja explicitar o trânsito, as idas e vindas entre a literatura teatral e os libretos de ópera deste período de surgimento do gênero, no século XVII. Enredos de peças teatrais – muitas vezes temas clássicos sob vestes renascentistas – são transportados e adaptados para os libretos de dramas musicais difundidos nas cortes italianas e apresentados, a partir de 1637, nos teatros públicos venezianos. Em casos de temas novos nota-se outro tipo de intersemiose: a dos topoi provindos do teatro. Com o florescer do novo gênero cênico-musical é a vez do teatro se contaminar pelo teatro musical, como observaremos em alguns exemplos nesta comunicação. A necessidade de impressão destes textos, já a partir das primeiras experiências operísticas, será também observada e contextualizada.

LINDA KOGURE (Doutora – UFES)

linda.kogure@gmail.com

Mesa 14. Dia 20/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

“Lixo e purpurina” em transposição de Caio F.: do conto à canção

Quarenta anos depois da criação do conto “Lixo e purpurina”, publicado em *Ovelhas negras*, o mercado fonográfico brasileiro desvela, neste 2015, a outra face de Caio Fernando Abreu, o Caio F., como assinava em cartas: o letrista musical. A canção homônima do conto dos anos 70, da fase do autoexílio em Londres, foi escrita em 1995, pouco antes da morte do escritor em Porto Alegre (1996), exclusivamente para Kleiton & Kledir. Quase 20 anos depois, a letra não só foi musicada pela dupla gaúcha como inspirou o projeto *Com todas as letras*, que reúne outros escritores da prosa gaúcha, como Luis Fernando Verissimo, Fabrício Carpinejar, e em diferentes mídias: CD, livro, DVD, com músicas e fragmentos do livro disponíveis na internet. Embora se reconheça a riqueza da intertextualidade desenvolvida por Caio na sua obra literária com a música, o cinema, o teatro, o jornalismo etc., optamos pelo fato mais recente. Portanto, o objetivo é apresentar e debater essa nova face de Caio F. De que forma transpõe e sintetiza o conto para a versão musicada em tempos e espaços tão distintos: de Londres/fuga da repressão militar brasileira a Porto Alegre/fase terminal da Aids.

LUCA ROMANI (Doutorando – EMJD-Erasmus Mundus Joint Doctorate)

lucafra.romani@libero.it

Mesa 4. Dia 19/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

A música na poesia concreta do grupo Noigandres

O grupo Noigandres, fundado em 1952 pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e por Decio Pignatari, é considerado ainda hoje como o círculo poético brasileiro mais representativo no âmbito da estética chamada “concreta”. Os fundadores do grupo começaram a desenvolver já nos anos Sessenta uma atividade de leitura e gravação dos seus poemas, compostos na década antecedente; este corpus sonoro é geralmente desconsiderado pela crítica corrente, que tende a identificar os poemas concretos como o resultado de uma prática quase exclusivamente gráfico-visual, com pouco interesse pelo jogo fônico-sonoro que desde sempre caracterizou a arte poética. Muito pelo contrário, os poetas do grupo Noigandres valorizaram sempre não somente a sonoridade da própria palavra, mas caracterizaram também as leituras dos seus poemas em sentido expressamente musical, através da inclusão e reelaboração de princípios e processos compositivos desenvolvidos pela vanguarda musical europeia e americana, especialmente por Anton Webern e John Cage. Por isso, o corpus de gravações disponível no site oficial do grupo constitui um acervo extremamente significativo para a compreensão da importância das relações dos poetas concretos com os protagonistas da música de vanguarda internacional. Esta apresentação tem o objetivo de evidenciar e explicar, através de exemplos práticos, alguns dos processos compositivos incluídos na produção poética concreta, com particular (mas não exclusiva) atenção para os princípios aleatórios cageanos e para a *Klangfarbenmelodie* (melodia de timbres) praticada por Webern.

LUCAS DOS PASSOS (Doutorando – UFES)

lucasdospassos@hotmail.com

Mesa 4. Dia 19/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

No ritmo do silêncio: ideia do poema em Paulo Leminski

No ensaio “Frase: música e silêncio”, Alfredo Bosi observa que, “Ritmada e entoada, a frase não é um contínuo indefinido. Abriga pausas internas. Deságua no silêncio final.” (BOSI, 1997, p. 99). Não à toa, sua análise recai nas pausas prenes de sentido do poema “Maçã”, de Manuel Bandeira – pausas que, para Giorgio Agamben, sintetizam o elemento

que define o verso, pela circunstância inscrita em seu fim: a possibilidade do *enjambement*. Porém, mais do que o silêncio que reside no ocaso de cada verso, interessa ao filósofo italiano o desfecho do poema; assim, em “O fim do poema”, indaga a partir de uma formulação de Dante (“*pulcerrime tamen se habent ultimorum carminum desinentiae, si cum rithmo in silentium cadunt*”): “O que é essa queda do poema no silêncio? O que é uma beleza que cai? E o que resta do poema depois da sua ruína?” (AGAMBEN, 2002, p. 146). Tratando da “Física e metafísica do som”, em *O som e o sentido*, José Miguel Wisnik, ao lembrar a forma oscilatória do som (na imagem do círculo do Tao), arremata: “O som é presença e ausência, e está, por menos que isso apareça, permeado de silêncio. Há tantos ou mais silêncios quantos sons no som, e por isso se pode dizer, com John Cage, que *nenhum som teme o silêncio que o extingue.*” (WISNIK, 2014, p. 18). Ciente dessas questões mais decisivamente formais, pretendo ensaiar uma análise de Paulo Leminski em sua apropriação singular da filosofia zen, no que tange ao haicai e, por conseguinte, à natureza transverbal e “sem palavras” que acompanharia seu momento de iluminação e realização. Dos textos do poeta, serão vistos com especial interesse a biografia *Bashô: a lágrima do peixe* (1983) e “o silêncio de buda”, primeiro fragmento do anseio críptico “Variações para silêncio e iluminação” (1986).

LUCIANA RODRIGUES DO NASCIMENTO (Mestranda – UFES)

lucianaknoeller@hotmail.com

Mesa 16. Dia 20/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

A supervalorização da subjetividade numa aproximação músico-sintática

O presente trabalho tem como objetivo levantar a hipótese de ocorrer uma supervalorização do eu-lírico nas músicas “Beija Eu” (1991) da cantora Marisa Monte e “História de uma gata” (1977), do compositor Chico Buarque. Apresentarei excertos das músicas citadas, mostrando neles que o uso informal/arbitrário da colocação pronominal (pronomes de caso reto e oblíquo – “Beija eu” / “Molha eu”; “Me alimentaram”, “Me acariciaram”) - aconteceu de modo proposital para valorar este eu-lírico. Para validar minha proposição, usarei os conceitos de subjetividade e agenciamento de enunciação voltados ao regime pós-significante de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra *Mil Platôs - vol. 2* (1995). Tanto para o filósofo quanto para o psicanalista “não existe sujeito, mas somente agenciamentos coletivos de enunciação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 72). Seguindo nesta mesma linha de pensamento, dialogarei com a concepção de subjetividades pós-significantes, defendida por Luís Eustáquio Soares, em sua obra *A sociedade do Controle Integrado* (2014). No que tange à parte da normatização, apresentarei os pressupostos teóricos de Mattoso Câmara Junior (1978). O gramático, em *Contribuição à estilística portuguesa* (1978), dirá a respeito da próclise: “É que assim se consegue pôr estilisticamente em realce a própria pessoa, numa afirmação da tensão psíquica e da vontade” (1978. P. 68). Por fim, o linguista Sírio Possenti traz em sua coluna “Palavreado”, em 26 de junho de 2014, um apontamento interessante que vem ao encontro do que defendo neste trabalho. De acordo com o linguista, junto às formas tradicionais, no Brasil, está viva outra gramática, não-normativa, na qual é possível que tais pronomes apareçam em todas as posições sintáticas. Por fim, este será um trabalho teórico-conceitual, por meio do qual tentarei validar minha proposição.

LUCIANO PRADO DA SILVA (Doutor – UFRJ)

lucianoprasil@globomail.com

Mesa 10. Dia 20/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

Do *cantus firmus* ao *cantus fictus*: a polifonia de ...y no se lo tragó la tierra, de Tomás Rivera

Na presente comunicação, abordo o tema da polifonia musical tal como observada na leitura da obra em epígrafe. Em *...y no se lo tragó la tierra* (1971), o autor chicano Tomás Rivera faz de sua ficção um braço literário que se insere no contexto de luta pelos direitos civis nos EUA de final dos anos de 1960 e início dos de 1970. É ponto comum a vinculação que faz a crítica em torno desse romance composto por contos para com momentos da vida do próprio autor. Transtorna tal vínculo, entretanto, o conjunto de vozes narrativas que se justapõem para contar o enredo. A saber: um “menino” narrador que “evoca” a infância de Rivera; diálogos repletos de vozes corais e anônimas, abrindo e entremeando-se aos quadros narrativos; e um terceiro narrador maduro, voz de fato surpreendente, que surge já ao final da história. Essa tripla composição, embora orquestrada de modo paratático, aproxima-se do *cantus firmus* (canto fixo) de que fala a polifonia na música, uma união harmônica de vozes distintas, cada qual, porém, mantendo sua própria melodia. É, pois, aqui meu objetivo demonstrar como o tratamento da polifonia em literatura pode por vezes acercar-se mais da origem do tema polifônico no canto do que propriamente de uma abordagem que o restrinja, isolando-o, ao âmbito do literário. Para tanto, anoro este trabalho de cunho documental, bibliográfico e comparatista não apenas na polifonia segundo Bakhtin (1988), mas especialmente nos argumentos de Julio Ramos e Gustavo Buenrostro (2012) trazidos à baila no prefácio que ambos compõem para a edição argentina do romance em tela. O diálogo ora proposto se liga, dessa maneira, ao eixo temático “Literatura e música: aproximações teóricas e críticas”.

MARCELA OLIVEIRA DE PAULA (Mestranda – UFES)

marceladepaulaa@hotmail.com

Mesa 8. Dia 19/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

Música e desbunde em cena: *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, de Caio Fernando Abreu

A obra dramática de Caio Fernando Abreu, além de trazer o apuro estético do autor, é notável pela exposição e crítica de temas e acontecimentos sociais, culturais e políticos ocorridos entre os anos de 1970, 1980 e 1990 no Brasil, tais como: o autoritarismo militar, a contracultura, a violência, a música popular brasileira e estrangeira, o psicodelismo hippie, a espiritualidade mística, o esoterismo, entre outros. Tendo isso em vista, o presente trabalho se propõe a analisar o texto teatral *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, de 1974, que dá conta de dramatizar a vida de alguns personagens típicos desse período (jovens desbundados, imersos numa postura contracultural, que abandonaram a família e buscaram a evasão por meio de narcóticos), com o objetivo de investigar os signos apresentados nas canções de circunstância e nas demais referências musicais dispersas por toda a peça, observando ainda como esses elementos sonoros se inscrevem na obra e propiciam o resgate e o entendimento histórico desse período. Para a análise, servirão de apoio *Retrato de época*, valioso trabalho de Carlos Alberto Messeder Pereira sobre questões socioculturais da época; “Anos 70: momentos decisivos da arrancada”, ensaio de José Arrabal sobre o teatro do período; “Voz, Música, Ritmo”, capítulo de *Análise dos espetáculos*, de Patrice Pavis, que traz reflexões sobre os aspectos sonoros do teatro; e *A sonoplastia no teatro*, de Roberto Gill Camargo, que oferece uma visão mais técnica do recurso musical em cena.

MARCOS BRANDA LACERDA (Doutor – USP)

mbl@uol.com.br

Mesa 14. Dia 20/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

Música e filosofia romântica em Noites florentinas de Heine

Heinrich Heine, o consagrado poeta de *Dichterliebe* de Schumann, nasceu em Düsseldorf em 1797 e veio a falecer em Paris em 1856. Em razão da dimensão política adquirida por seus artigos jornalísticos, Heinrich Heine se vê proibido de frequentar a Prússia e passa a viver na França na década de 30. Lá escreve em 1834 *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland (Para a história da religião e filosofia na Alemanha)* uma extensa revisão da filosofia romântica produzida na Alemanha, endereçada sobretudo aos franceses. Aí entra também em assuntos de religião, na medida em que tais assuntos estejam ligados à postura dos filósofos daquele momento. Pouco depois disso, em 1836, ele divide também com os franceses a leitura de *Noites florentinas*. Nesta pequena novela trata-se de histórias do mundo mundano, contadas para o entretenimento de Maria, uma amiga enferma do narrador que necessita de repouso absoluto. No decorrer desta narrativa, nota-se uma preferência acentuada do narrador por assuntos musicais. Além das figuras de Liszt e Bellini, a novela se funda em uma longa e central descrição bastante fantasiosa de um concerto de Paganini. O trabalho apresentará primeiramente traços bastante resumidos da filosofia romântica de Fichte e Schelling, colocará em seguida a posição de Heine em relação a ela e às ideias Panteístas de Espinoza e Goethe e tentará posicionar a música nesse contexto a partir da leitura de *Noites florentinas*.

MARCOS VINÍCIUS FERREIRA DE OLIVEIRA (Doutor – UFJF)

marcosvf@uai.com.br

Mesa 1. Dia 19/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

Djavan: um lírico na indústria cultural

O presente estudo aborda a obra do cantor e compositor alagoano Djavan, um tipo raro de artista que combina uma incontornável vocação para *hitmaker* com um grau elevado de exigência no quesito "qualidade artística". A partir da análise de três de suas mais conhecidas composições, "Flor de Lis" (1976), "Seduzir" (1981) e "Oceano" (1989), cujo espectro temporal abarca três momentos distintos de sua carreira artística, o início, a consolidação e o maior sucesso, buscaremos compreender melhor as tendências do seu lirismo e dessa sua inserção na indústria cultural, sem que, necessariamente, ele tenha que negligenciar ou negociar suas exigências de estilo.

MARCUS S. WOLFF (Doutor – UNI-RIO)

m_swolff@hotmail.com

Mesa 7. Dia 19/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

A intersemiose entre literatura e música na canção: uma abordagem peirceana

Esse trabalho procura dar uma contribuição ao estudo da canção, compreendendo-a como uma forma híbrida resultante da intersemiose entre dois sistemas sígnicos – o musical e o poético-literário. Para isso, utiliza-se o instrumental de análise da teoria sígnica de C. Peirce e da semiótica musical, tal como desenvolvida por Dougherty (1993), Hatten (1994) e Martinez (1997), autores que procuraram desenvolver ferramentas de análise a partir da teoria geral dos signos desenvolvida pelo filósofo e semioticista norte-americano Charles Peirce. Seguindo essa linha teórica, a análise da canção enquanto signo complexo parte da consideração do jogo de articulação entre os signos verbal e musical que a compõem, bem

como de seus significados, considerando-a um signo complexo e multifacetado. Para se compreender melhor as diferentes possibilidades de interação entre esses signos, resgata-se ainda a contribuição de Nicholas Cook (1998). Sugere-se ainda, na trilha de Dougherty, que o pesquisador deve estar atento aos diferentes modos de articulação entre esses signos, para não enfatizar mais um aspecto do que o outro, nem se esquecer de que os significados poético e musical não são apenas justapostos, mas transmutados em algo novo, num signo composto, cujo equilíbrio interno é instável, já que nele estão presentes diferentes elementos a serem interpretados pelo ouvinte, através de um processo que envolve a confrontação dos signos (verbal e musical). Assim, utiliza-se o conceito peirceano de interpretante para esclarecer o modo como tais processos de semiose ocorrem na mente do ouvinte e, dessa forma, procura-se demonstrar a necessidade de uma análise que considere a relação entre os signos poético e musical ao longo da obra, revelando seus diferentes modos de articulação, bem como suas relações com outros signos – diferentes tradições, identidades, correntes estéticas, etc, revelando-se, então, a relação da obra com outros níveis de significação e com outros signos. Espera-se, desse modo, chegar a demonstrar como uma obra musical específica se insere numa rede mais ampla de significados – seu universo sócio-cultural.

MARCUS VINICIUS MARVILA DAS NEVES (Mestre – UFES)

creed.mvmn@gmail.com

Mesa 2. Dia 19/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

Outro do mesmo Scelsi: uma análise de “occhicanto (omaggio a Scelsi 2)”, de Augusto de Campos

Outro, quarta seleta de poemas de Augusto de Campos (1931-), lançada em agosto de 2015, traz majoritariamente obras dos últimos 12 anos, posteriores à publicação de *Não* (2003). Dentre as obras está "occhicanto (omaggio a Scelsi 2)" (2010), à qual lançaremos olhar neste artigo. Para tanto, será preciso nos atentarmos à poética de homenagens realizada por Campos ao longo sua carreira poética, transformando em poemas técnicas composicionais dos compositores que pertencem ao que chamamos de seu paideuma sonoro (NEVES, 2015). No caso do compositor italiano Giacinto Scelsi (1905-1988), já tendo sido homenageado com "pó de tudo (scelsi)" (1993) e "omesmosom (omaggio a scelsi)" (1989/1992) - ambos publicados em *Despoesia* (1994) -, vemo-lo retomado agora sob forte aspecto da visualidade. A intersecção entre poesia-som-imagem, a verbivocovisualidade, projetada neste poema será analisada a partir de autores como Gonzalo Aguilar (2005), Kenneth David Jackson (2004), Carole Gubernikoff (2004), Rodolfo Caesar (2012; 2013), Siqueira (2011) e nossos próprios escritos sobre o poeta em *Augusto de Campos e a música de invenção (uma escuta entre poemas)* (2015). Os artigos “Um velho novíssimo” e “Scelsi: o celocanto da música”, presentes em *Música de invenção* (1998), também servirão de ponto de partida para observarmos a importância que o poeta paulista atribui à obra do músico.

MARIA AMÉLIA DALVI (Doutora – UFES)

mariaameliadalvi@gmail.com

Mesa 3. Dia 19/11, 14 horas. Sala 8, IC-4.

Memória escolar e música em três poemas de *Boitempo*

Com atenção às relações entre memória escolar e música, são estudados os poemas “A banda guerreira”, “Orquestra colegial” e “Artistas adolescentes”, constitutivos da seção

“Fria Friburgo”, na primeira parte de *Boitempo* (1968), de Carlos Drummond de Andrade. O objetivo é compreender como o discurso poético elabora memorialisticamente experiências escolares de educação musical em face de três aspectos: a) as relações entre sujeitos; b) as relações entre sujeitos e instituições formais; e c) as relações entre o processo de escolarização nas primeiras décadas do século XX no Brasil – como espaço-tempo formalizado de educação – e a vida social vinculada por instituições disciplinares como a família e o exército. Trata-se, pois, de um estudo teórico, inspirado pela perspectiva da nova história cultural, a partir de fontes bibliográficas de duas naturezas: aquelas que são literárias e aquelas que reconhecem como estudos de crítica literária, de história da educação escolar brasileira e de teoria da memória. A questão nodal é atinente aos modos como a experiência singular, memorialisticamente elaborada no discurso poético, articula dimensões sócio-culturais e históricas – dimensões das quais os sujeitos leitores participam e nas quais reconhecem experiências coletivamente partilhadas. Dessa feita, o conceito central que estrutura a reflexão é o de memória poética, com desenvolvimento a partir dos poemas e temas em pauta.

MARIA APARECIDA JUNQUEIRA (Doutora – PUC-SP)

junqueirama@uol.com.br

Mesa GT-3. Dia 20/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

A poesia de Marcos Siscar: razões poéticas

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a poesia de Marcos Siscar, tentando apreender-lhe o que tem de paradoxal, o que tem de negação de dualismo, o que tem a dizer do real sem falar de realismos. Da mesma forma, captar que saberes da vida e do homem sua poesia intenta expressar, como configura em si a ideia da presença do presente, como testemunha a experiência vivida, como busca no outro o saber de si. A poesia de Siscar parece ficar entre “o que não se diz” e “o que se disse”. Enfim, pretende-se investigar como esse poeta mantém viva não só a possibilidade da poesia dizer o homem e o mundo, mas também a sua dimensão de ser prova de vida.

MARIA BEATRIZ LICURSI CONCEIÇÃO (Doutoranda – UFRJ)

musicafeliz@terra.com.br

Mesa 13. Dia 20/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

O uso dos sons, dos ritmos e das rimas no texto literário como um recurso metodológico para o ensino de literatura

Motivar os alunos na compreensão dos textos literários é um grande desafio para os docentes de Literatura em diferentes segmentos de ensino. Esse artigo, apoiado em uma pesquisa bibliográfica, teve o objetivo geral de verificar como a exploração dos sons, dos ritmos e das rimas pode ser um recurso metodológico em sala de aula para a promoção do ensino-aprendizagem de Literatura. Verificou-se que ensinar os sons literários intrínsecos nos textos pode ser uma estratégia para a promoção do ensino, motivando os alunos a buscarem a compreensão e o significado. Ensinar uma poesia exige planejamento e intenção. O ritmo é o pulso da poesia e a rima é o seu eco. Estes elementos são importantes para ajudar a tornar a poesia uma experiência emocional e musical. Dessa forma, valorizar o ritmo e a rima ajuda o aluno a receptionar informações implícitas no texto que o ajudarão no processo de assimilação dos gêneros literários promovendo a aprendizagem.

MARIA DE FÁTIMA ROCHA MEDINA (Doutora – CEULP)

medinafatima@ceulp.edu.br

Mesa 13. Dia 20/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

Aboio: canto e poesia no compasso do gado

Zumthor (2010) defende que o caráter poético está muito mais no modo como as pessoas percebem ou sentem poeticamente os textos. E Paz (1998, p.13) afirma que poesia é “experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. Arte de falar de forma superior, linguagem primitiva”. Então, a percepção poética realiza-se em todo ser humano, uma vez que é sentimento universal, por isso ocorre nas diferentes realidades culturais. Assim, é difícil separar música e poesia em seu sentido profundo. No trabalho de identificação do repertório de vaqueiro do vale do Pampã - MG, a partir do registro de histórias de vida com vaqueiros aposentados, evidencia que o aboio é instrumento de encontro entre corpo e voz, poesia e música, homem analfabeto e sentimento poético. A sonoridade pungente desse canto de trabalho, além de improvisada, é distinta em cada aboiador que, ao sentir-se empoderado, sobrepõe palavras ao privilegiar o engajamento poético-corporal - “O corpo é o lugar onde se articula a poeticidade” (ZUMTHOR, 2010, p.93). O intérprete, com entonações longas e ritmadas em fôlego firme, acalma o rebanho de forma espetacular, como um Orfeu (sem lira), conforme afirma o vaqueiro Valdomiro: “O gado ama o aboio. A boiada chega a empurrar o guieiro (aboiador), porque gosta do aboio”. Ao som cadenciado que ecoa por pastagens e estradas, o vaqueiro, seduzido pelo próprio ritmo, se transforma em poeta dos campos ao emocionar companheiros e moradores rurais. Poesia e música, cumplicidade e tensão aliviam o exaustivo ofício. É a vida reinterpretada poeticamente. O vaqueiro, assim, ao conduzir o gado no passo a passo, conduz também poesia e música numa só materialidade: o aboio.

MARIA ESTHER TORINHO (Doutoranda – UFES)

met2013@versoereverso.pro.br

Mesa 13. Dia 20/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

Entre o som e o sentido: das oscilantes relações entre o libreto (Literatura) e a música no contexto da ópera até o drama wagneriano

A estrutura básica da ópera, com sua complementaridade entre o libreto (texto escrito) e a partitura – música, tocada ou cantada, além de diversos outros elementos, como cenário, figurinos, iluminação, etc, oferecendo-nos oportunidade para uma investigação sobre as relações entre o som e o sentido nesse gênero. A questão que se coloca, diante da ópera, é se haverá uma preponderância de um dos elementos – som e sentido – ou se, ao contrário, esses elementos se conjugam para o efeito final, o que era, justamente a pretensão daqueles com os quais a ópera teve início, os criadores da *Camerata Florentina*: que ela fosse um meio de expressão em que música e texto se complementassem em função da obra. Dentro da linha teórica Literatura e música: intertextualidade e intersemiose, este trabalho tem como objetivo investigar a ligação entre a palavra e a música, apresentando alguns dos caminhos percorridos por libretistas e compositores para a solução das relações entre o som e o sentido no contexto da ópera: o período barroco, com uma exacerbação do estilo vocal levando ao virtuosismo, passando pelas contribuições de Monteverdi, Verdi e Mozart, Haendel, com a *Ópera de Santa Cecília* sobre texto de Dryden, em que ele confere a cada instrumento poderes poéticos e musicais, designando-os por sentimentos específicos, como ciúmes, entusiasmo guerreiro, dentre outros, e a ópera *Capriccio*, de Richard Strauss, que explicitamente coloca em questão as relações entre o som e o sentido, até chegarmos a Wagner, com seus leitmotivs e sua concepção de drama musical, ou drama

wagneriano, em que todos os elementos da ópera aliam-se à música, dentro da concepção de obra de arte total, em uma síntese de todas as artes. por meio da união de literatura, música, arquitetura e pintura, na qual a ópera é vista como um drama, sendo justamente o ponto em que ela mais se aproxima da obra literária/texto teatral.

MARIA GABRIELA V. BALARDINO (Graduada – Multivix/Serra)

mariagabriela.verediano@gmail.com

Mesa 7. Dia 19/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

A poética surrealista na voz de Adriana Calcanhoto

Embora Adriana Calcanhoto seja uma artista contemporânea com evidente estética musical de vanguarda, suas letras dialogam com outras vertentes literárias que transcendem a datação cronológica da sua produção. No seu vasto repertório, pode-se perceber uma marca identitária que interage com o universo onírico, irracional e onisciente. Além disso, também há a musicalização do poema “Poética do Eremita” de Fiana Hasse Pais Brandão, uma artista surrealista, que ratifica a afinidade artística entre as produções. A música de Calcanhoto beira a tensão metalinguística à medida que projeta nas canções a arbitrariedade da imagem e da metáfora surrealista. O objetivo deste estudo é analisar intertextualmente as músicas “Inverno” (1994), “Senhas” (1992), “Pensamento” (2008) e “Poética do Eremita” (2008) sob a luz de estudos de Daniela Pedreira Aragão; Mikhail Bakhtin como referencial entre o inconsciente e linguagem; e André Breton no Manifesto do Surrealismo.

MARIÂNGELA ALONSO (Doutora – USP)

malonso924@gmail.com

Mesa 6. Dia 19/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Uma sinfonia de palavras no horizonte ficcional de Clarice Lispector

São conhecidos o fascínio e a curiosidade de Clarice Lispector por outras linguagens artísticas, sobretudo pela música, haja vista o grande volume de textos da autora construídos em torno deste assunto. Em linhas gerais, o interesse da escritora por obras de arte evidencia-se pela atividade da pintura por ela exercida, bem como pelas intrigantes entrevistas que realizou com personalidades dos mais diversos campos de atuação: literatura, música, artes cênicas e até esportes. Diante desse cenário, o objetivo desta comunicação é investigar como as reflexões de Clarice Lispector sobre outras linguagens, especialmente a música, se relacionam com algumas de suas narrativas. Desse modo, rastreamos essa temática nos romances *A paixão segundo G.H.* (1964), *Água viva* (1973), *A hora da estrela* (1977) e *Um sopro de vida* (1978). Em tais obras, a música, como via de acesso à poética clariciana, surge como um *leitmotiv* ao fundir aspectos díspares, descortinando novos mundos atravessados pela metalinguagem. Além disso, a temática musical cristaliza-se como uma busca reiterada de se ir adiante dos limites da linguagem, em clara analogia com o que o crítico Benedito Nunes (1995) concebeu como “drama da linguagem”. Assim, procuraremos observar e discutir de que forma a música se relaciona com a estrutura e a escrita do *corpus* selecionado, por meio de instrumentais teóricos que iluminam o tema, tais como os apontamentos de Michel Butor (1974), Roland Barthes (1982), José Miguel Wisnik (2002), entre outros. Ademais, a leitura de ensaios críticos em torno da obra clariciana ajudará a esclarecer a questão. Assim, buscaremos empreender um caminho possível de análise aos romances mencionados, discutindo o papel da música como um dos aspectos criativos do horizonte ficcional de Clarice Lispector.

MÓNICA VERMES (Doutora – UFES)

mvermes@gmail.com

Conferência III. Dia 20/11, 9 horas. Auditório do IC-2.

O mundo da música do Rio de Janeiro (1890-1900) e a música nas crônicas de Machado de Assis

A música integrava a teia de atividades e experiências da cidade do Rio de Janeiro no período de grandes transformações que foi a primeira década da República. Fazia-se música praticamente em todos os lugares: na rua, em casa, nos teatros, nos restaurantes e cafés. Parte dessas práticas e repertórios musicais aparece registrada na historiografia da música brasileira, parte pode ser recuperada a partir da análise de fontes como jornais e documentos oficiais, mas essa documentação nem sempre nos permite perceber os significados que tais repertórios e práticas tinham para as pessoas que os experimentavam. Nas crônicas, que saem desse espaço híbrido entre a notícia e a fantasia, produzidas para consumo imediato e permeadas da experiência da vida na cidade, encontramos inevitavelmente os ecos da música que se fazia e da forma como era recebida ao menos por uma parte daquela sociedade. Da vasta produção carioca de crônicas do período em tela, selecionamos a série “A Semana” de Machado de Assis, publicada no jornal *Gazeta de Notícias* entre 1892 e 1897. Trata-se de um conjunto de 248 crônicas em 49 das quais há referência direta à música. Ao superpor o relato dos manuais de história da música brasileira, o registro das atividades diárias no jornal *O Paiz*, documentos oficiais (posturas e processos) e as crônicas de Machado de Assis, vislumbramos com mais riqueza a intensa vida musical do Rio de Janeiro da última década do século XIX.

NATHÁLIA LIMA (Mestre – UFV)

guliveraway@gmail.com

Mesa 7. Dia 19/11, 16h30min. Sala 7, IC-4.

Leonard Cohen, Fernando Pessoa e outras mídias: intertextos possíveis para a escrita contemporânea

O trabalho versa sobre a pertinente relação intertextual e intersemiótica de músicas pop na criação literária. Temos como objetivo geral apresentar o procedimento de construção da prosa poética “Estética da coincidência” (2013), o qual recebeu o prêmio do XV Salão Universitário de Expressão e Criatividade da Universidade Federal de Viçosa-MG. O conto inicia-se com a voz de Fernando Pessoa e apresenta a breve narrativa descentrada de um casal de idosos e seu filho adotivo, Linho, personagem que tece o mote do nascimento e morte, temáticas principais da estória. Publicado em um blog, suporte online que permite o acesso imediato a hiperlinks, o texto e o canal de publicação nos permite perceber o diálogo de elementos que motivam a estrutura do conto tanto pela abordagem lírica quanto pela produção audiovisual dos clipes “Famous blue raincoat” (1988) e “Dance me to the end of love” (1995), ambas canções do poeta e compositor Leonard Cohen. Para fins ilustrativos, uma leitura comentada será feita junto à exibição dos videoclipes. Serão discutidas e exemplificadas passagens onde o texto cantado ganha clareza pelo deslocamento da acentuação métrica gramaticalmente exigida na língua portuguesa, combinado com ideias musicais subliminares, além de aspectos cognitivos da performance musical. Como base teórica da discussão utilizaremos os estudos sobre intertextualidade (Kristeva, 2005; Genette, 2010; Bakhtin, 1981) reflexões sobre paródia e pós-modernismo (Hutcheon, 1991) e considerações sobre a cultura de mídias semióticas (Santaella, 1996).

NORBERTO PERKOSKI (Doutor – UNISC)

perkoski@unisc.br

Mesa GT-4. Dia 20/11, às 16h30min. Auditório do IC-2.

Encontros com a poesia: poetas da literatura ocidental – 2ª etapa

A presente pesquisa busca avançar nos estudos que desenvolvemos há vários anos, centrada no estudo da fenomenologia bachelardiana acerca da imaginação poética. Ao estudarmos tal fenômeno, constatamos a necessidade de direcionarmos nossas investigações para um grupo mais amplo de poetas da literatura ocidental, alargando, assim, a pesquisa para outros sistemas literários além do brasileiro, mais especificamente, nesta segunda etapa, para poetas das literaturas de língua espanhola e de língua alemã. Dentre esses poetas, destacamos os de língua espanhola Pablo Neruda, Federico Garcia Lorca, Jorge Luis Borges, Gabriela Mistral e Juan Gelman e, entre os de língua alemã, Goethe, Rilke, Hölderlin, Heine e Paul Celan. Reiteramos que o principal teórico que embasou as investigações empreendidas nos últimos anos no que tange à poesia, o filósofo Gaston Bachelard, continuou sendo essencial, especialmente no que diz respeito ao método fenomenológico, com ênfase em seus conceitos de repercussão/ressonância, imaginação poética e devaneio, base teórica dos Encontros com a Poesia, atividade desenvolvida junto ao público há dezessete anos na Universidade de Santa Cruz do Sul. Esses encontros apresentam a seguinte sistemática, já usada em módulos anteriores: primeiramente, leitura silenciosa dos poemas; em seguida, leitura oral e, finalmente, diálogo e associações com ressonâncias existenciais e afetivas. O processo utilizado pretende, por conseguinte, fazer aflorar a sensibilidade do leitor e sua enunciação, possibilitando-lhe reflexões e lembranças que o estimulem a repensar a sua trajetória existencial, bem como a realidade em que está inserido. Assim, os Encontros com a Poesia têm por objetivo ser um espaço não somente de divulgação da pesquisa para a comunidade acadêmica e o público adulto em geral, mas também ser um evento que propicia a fruição prazerosa do poema, aspecto essencial na gênese de novos sujeitos leitores do texto poético.

OCTÁVIO PÁEZ GRANADOS (Mestre – CECH – FLUC, Portugal; CMA-HEM, Suíça)

ottavitopaez@yahoo.com.mx

Mesa 10. Dia 20/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

O vilancico de negro e as suas particularidades linguísticas, retóricas e literárias

O vilancico ou vilancete, de origem Ibérica, é uma das principais formas poético-musicais dentro do dilatado mundo Ibero-americano. Muito popular entre as últimas décadas do século XV e o século XVIII, foi uma das máximas representações da arte musical e poética em línguas vernaculares ibero-americanas da renascença e do barroco. São muitos os vilancicos existentes e pela sua quantidade, variedade e riqueza de formas, estilos e conteúdos, permanecem um assunto ainda muito longe de estar suficientemente estudado. Tratam-se assim, de fontes documentais de primeira ordem sob os mais diversos pontos de vista. Esta variedade e riqueza, deu origem a diversos subgéneros entre os quais se destacam os *vilancicos de personagens*. Este tipo de vilancicos são composições que representam e caracterizam os diferentes povos que conformam a península ibérica e o mundo colonial ibero-americano. Estas obras oferecem-nos um retrato dos costumes de cada um desses personagens: a sua música, danças, atividades económicas e laborais, a sua fala particular e a sua relação com a divindade. Dentro deste subgénero, a variante mais numerosa parece ter sido a dos *vilancicos de negro*, isto é, a representação dos escravos africanos presentes na

Península Ibérica ou levados para as colónias americanas. Subgénero muito popular desde finais do século XVI até bem entrado o século XVIII, uma das principais características deste tipo de vilancicos, ou talvez a principal, é a fala particular atribuída a estes *negros* (também designados *guinéus*, *guineos*, *negritos* e *negrillos*), composta de distorções fonéticas e morfossintáticas de uma língua latina base, neste caso castelhano ou português, misturando-se ainda, com um certo léxico de origem africano. Desta forma, reorganizando este conjunto de elementos linguísticos, teremos resultados cujas finalidades serão costumbristas, realistas, satíricas e poéticas, dentro da linha “do popular”. Em base ao anteriormente exposto, surge-nos uma interrogante: Até que ponto, os efeitos linguísticos terão uma repercussão direta no âmbito musical deste subgénero? É agora avançada uma proposta de leitura analítica, comparativa e reflexiva, sobre algumas das múltiplas características linguísticas, poéticas e retóricas deste tipo de vilancicos, para desta forma, obter uma melhor compressão do ponto de vista musicológico, literário, poético, interpretativo e inclusive, sociológico.

ORLANDO LOPES ALBERTINO (Doutor – UFES)

orlandolopes.es@gmail.com

Mesa GT-2. Dia 19/11, 16h30min. Auditório do IC-2.

A formação histórica do gênero lírico na tradição literária ocidental em perspectiva cumulativa

Considerações sobre a constituição do discurso teórico sobre o gênero lírico, levando em conta inicialmente três períodos: a) o de constituição da prática literária ocidental, b) o de formação do discurso objetivante/subjetivante sobre a literatura, e c) o de representação fenomênica e de apropriação empírica e ressignificação do gesto literário, em si mesmo e na perspectiva mais ampla do sistema cultural. Que desafios e que caminhos apontam a percepção integrada desses três períodos? Como ela pode instrumentalizar o pensamento criativo, crítico e teórico a respeito do gênero lírico?

PARAGUASSÚ ABRAHÃO (Doutora – UFRJ)

pabrahao@gmx.net

Mesa 15. Dia 20/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Texto como música e interpretação

Música e literatura sempre estiveram em estreita conexão teórica, perpassando por teorias que vieram submeter estas artes a uma racionalização gramatical. O presente artigo procura investigar esta relação de música e literatura dando enfoque a performance musical e mostrando de que modo o estudo da música se espelhou no status e nos métodos da filologia e da literatura, de modo que o estudo de textos musicais acabou modelando-se no estudo de textos literários, nos quais se compreende a música como uma prática da cultura ocidental centrada na contemplação silenciosa do texto escrito (partitura), tornando o intérprete um mero intermediário das mensagens a serem transmitidas do compositor ao público. Observando que os cursos de intérpretes-instrumentistas seguem, tendenciosamente, o mesmo rumo da ciência e da tecnologia, correndo atrás de uma gramática que dê conta de codificar o produto a ser veiculado por suportes para incluir a música ao mercado capitalista, procura-se desvendar o que encobre o intérprete a uma função de leitor de texto e desvencilhar a interpretação musical de uma visão que a reduz ao desempenho de habilidades mecanizadas. Para além de uma concepção tecnicista, propõe-se uma reflexão na qual se leva em consideração menos a técnica e mais a arte,

buscando o sentido poético por uma escuta cuidadosa que volta a aproximar não só a música da literatura, como também conduz música e literatura para a morada de todas as artes: o sentido, o qual deverá ser escutado no silêncio vigorante que anuncia a presença do mistério que envolve o revelar-velar do ponto de intersecção entre intérprete e obra nos quais ambos se transmutam em uma unidade em que os mistérios surgidos do silêncio do sentido repercutem deixando ressoar a arte.

PAULO MUNIZ DA SILVA (Doutor – UFES)

apollovalentin@uol.com.br

Mesa 8. Dia 19/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

“Tom, compasso e seu motivo” em *O som e o sentido*, de J. M. Wisnik

No capítulo 3 de *O som e o sentido*, Wisnik (1999) aborda a música tonal como uma linguagem que conceitua em contracanto a própria modernidade. Remontando-se à polifonia medieval, essa linguagem musical consolida-se entre os séculos XVI e XVIII. Como “topos em tema da música na literatura”, o tonalismo assume um discurso progressivo e narrativo em que a crise das trocas sonoras é introduzida e harmonizada. De posse desses escritos wisnikianos, pretende-se mediar alguns pontos de contatos dessa história da música tonal com o CD *Flor de abril*, de Paulo Netto ([s.d.]), compositor, letrista e músico capixaba, que transita, na letra e no som, do local ao global. Espera-se corroborar com Wisnik (1999) que, como a moeda que compra gias e joias, a música tonal se reinventa, viabilizando arranjos excelsos e banais, ou simples e geniais, dos quais os séculos de usos e abusos do tonalismo não impedem o constante brotar, como as canções de Paulo Netto.

PEDRO ANTÔNIO FREIRE (Doutorando – UFES)

gazulinazul@hotmail.com

Mesa 17. Dia 20/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

O manual do mundo: leitura de “Almanaque” de Chico Buarque em perspectiva adorniana

Theodor Adorno afirmou em uma de suas “teses contra o ocultismo”, presentes em *Minima Moralia* (1947): “A velada tendência da sociedade para a infelicidade alimenta suas vítimas com uma falsa revelação, com um fenômeno alucinatório” (2001, p. 250). Essa premissa será a base do trabalho que aqui se pretende: uma análise sobre a alucinada obsessão humana de obter resposta pelo início (ontologia) e pelo fim (escatologia) da sua jornada, por meio de uma leitura de “Almanaque” de Chico Buarque. A canção já ilustra bem a temática a partir do verso inicial: “como é que isto tudo começou”, e a eleva no final: “pra que tudo começou quando tudo acaba”. Entretanto, neste íterim, demonstrar-se-á como e por que o compositor ironiza fatos históricos: “quem estava no volante do planeta quando meu continente capotou”, mantendo como interlocutora outra de nossas obsessões, a lírica amorosa: “oh, menina, [...] pra onde vai o meu amor quando o amor acaba”. O objetivo central é demonstrar que o “ocultismo” vela a manutenção do “sempre-ídêntico”. Ou seja, o terror “realizando-se incessantemente como algo distinto, insuspeitado, superior a toda previsão, sombra fiel das forças produtivas no seu desdobramento”, como se encontra no aforismo “Meias tintas”, do mesmo livro do filósofo alemão (p. 245).

PEDRO MARQUES (Doutor – Unifesp)

pedro_marques77@hotmail.com

Mesa 4. Dia 19/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

Alguma música na lírica colonial: alvenaria e acabamento

De modo mais ou menos fixo, sonetos ou madrigais estruturam estrofes, versos e acentos. Como formas, definem uma espécie de planta a suportar o raciocínio poético, a elocução de temas não raro também prefixados. Acabamentos especiais podem ser acrescidos, conformando-se à alvenaria poética. São figuras de construção (enumeração, anadiplose, anáfora) que, em ação combinada com a dicção (aliteração, aférese, síncope) e a métrica (medida, posição e sequência de sons e pausas), dinamizam a musicalidade de certa poesia difundida no Brasil Colônia. Tal engenhosidade, associada à agudeza conceitual, pode até ser tomada como mero torneio sintático com torcicolos “culteranistas”, resultado da pirotécnica “barroca” que, se ilumina, também obscurece a percepção do leitor-ouvinte. Vista e escutada de perto, no entanto, essa harmonia de dispositivos gera uma segunda camada de regularidade, com efeitos rítmicos e semânticos singulares, paralela às recorrências mais perceptíveis na lírica, gênero por definição e conflito músico-poético. O objetivo aqui é analisar três poemas atribuídos, respectivamente, a Gregório de Matos (1633-1696), Manoel Botelho de Oliveira (1633-1711) e Sebastião da Rocha Pita (1660-1738). A poesia do período, da Europa a suas colônias, processa importantes referências da antiguidade – Aristóteles, Cícero, Horácio e Quintiliano – refundidas por autoridades que ajudaram a estabelecer as preceptivas da produção do tempo, notadamente Baltazar Castiglione, Francisco Rodrigues Lobo, Emanuel Tesouro, Baltasar Gracián ou Raphael Bluteau. O método de trabalho especifica, assim, no plano da análise formal dos poemas, o resgate histórico de estudos realizados da segunda metade do século XX em diante, tais como os de Segismundo Spina, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Adolfo Hansen, Alcir Pécora, Ivan Teixeira e Adma Muhana.

RAFAEL ALEXANDRE GOMES DOS PRAZERES (Mestrando – UFES)

rafaeldosprazeres@gmail.com

Mesa 14. Dia 20/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

Aproximações e tensões entre literatura e música no canto LXXV de Ezra Pound

Este trabalho visa analisar as tensões e aproximações entre a literatura e a música contidas nos versos/partitura do Canto LXXV do poeta e crítico Ezra Pound. Tal poema é o segundo da série intitulada “Os Cantos Pisanos” - da obra *Os Cantos* - escrita ao longo da década de 1940 entre sua liberdade na Itália fascista e sua prisão nos Estados Unidos. Para tanto, serão apresentados aspectos da linguagem poético-musical e seus termos em comum e indissociáveis, tais como: canto, ritmo, palavra, som, imagem, etc. Busca-se apresentar uma possibilidade de leitura, no intercruze da cadeia verbivocovisual, do enigma melopaico do poema, suas palavras-chave, bem como, entender a obra no contexto histórico dos fins da Segunda Guerra Mundial a partir dos elementos implícitos e explícitos do texto. Para tecer uma análise crítica e teórica, faz-se necessário recorrer às contribuições sobre as espécies de poesia em Ezra Pound (1976), sobre o canto em Ruth Finnegan (2008), sobre o conteúdo de verdade em Theodor Adorno (2009), sobre composição musical em Arnold Schoenberg (1970), e as explicações sobre o canto em Loisann Oakes (2014), dentre outros.

RAFAEL FAVA BELÚZIO (Doutorando – UFMG)

favabeluzio@yahoo.com.br

Mesa 9. Dia 19/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

Lembrança de morrer de um cadáver de poeta: leitura de poema

No presente ensaio visou realizar uma leitura do poema “Lembrança de morrer”, último texto da “Primeira parte” da *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo. Nesse sentido, será avaliado o ritmo – expresso por meio de metro, rima e estrofação – como elemento construtivo da poética azevediana, partindo, principalmente, de considerações de Iuri Tinianov. A *Lira* é dividida em duas partes, aproximadas, respectivamente, das figuras de Ariel e Caliban, poética designada pelo autor como *binomia*. Cada parte conta com elementos rítmicos particulares, além de haver estruturas que perpassam todo o livro. Por isso, analisando a “Lembrança de morrer”, pretendo compreender melhor os elementos do poema para refletir a respeito da arquitetura do livro, bem como problematizar o conceito de binomia. Segundo certa linhagem da crítica literária brasileira, a qual passa por autores como Sílvio Romero e Antonio Candido, Álvares de Azevedo teria desenvolvido a binomia como resultado da contraposição de Ariel e Calibã, no entanto, a leitura do ritmo de “Lembrança de morrer” revela que a morte, efetivada em “Um cadáver de poeta”, primeiro poema da “Segunda parte”, já era lembrada desde a primeira parte da *Lira*, o que evidencia o projeto azevediano de colocar elementos de Caliban nos domínios de Ariel. Dessa maneira, este trabalho ecoa reflexões presentes no livro *Uma lira de duas cordas* (Livraria e Editora Scriptum/no prelo), resultado, com algumas modificações, de pesquisa de mestrado realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, seguindo a linha de pesquisa Poéticas da Modernidade, a qual pretende avaliar a autoconsciência literária do autor por meio da avaliação de sua obra, isto é, nesse caso, avaliar a articulação entre ritmo e binomia.

RENATA O. BOMFIM (Doutora – UFES / Faculdade Saberes)

renatabomfim2006@gmail.com

Mesa 3. Dia 19/11, 14 horas. Sala 8, IC-4.

“Triunfo de liras”: música e mito na poética de Rubén Darío

Rubén Darío (1867-1916) é considerado a figura central do Modernismo Hispano-americano, movimento sincrético que se estruturou a partir do diálogo entre a literatura e a pintura, as tendências filosóficas e, especialmente, a música. Variados poetas finiseculares se reuniram em torno da música e dos mitos tendo como inspiração Wilhelm Richard Wagner. Um dos maiores entusiastas do maestro alemão foi o poeta francês Paul Verlaine, cujo influxo foi determinante para a obra dariana. Rubén Darío é conhecido como o “Cisne da América”, ele fez do animal heráldico, cuja forma lembra um braço de lira, o seu ícone mais caro. O cisne é uma representação que remonta a Grécia, passando pela Idade Média, Renascimento e que alcançou renovação com os poetas modernos. Observa-se na poesia dariana que, ao cisne, se junta uma profusão de imagens que emanam do mundo mítico, habitado por deuses e deusas, ninfas e sátiros, e de onde brota “la armonía del gran Todo”. O poeta se identifica com Pã, divindade mitológica ligada à música, e o eu lírico se mostra um músico hábil com a lira, a flauta, o violino, o címbalo, ansiando produzir composições nunca ouvidas. Na busca por desbravar “o seu mundo interior”, Darío experimentou variadas formas métricas e rítmicas buscando a musicalidade do poema. Esse estudo utiliza como metodologia a Literatura Comparada e, como aportes teóricos basilares, a Teoria da Linguagem segundo Bakhtin, em especial os conceitos de dialogismo e polifonia e a Estética da Recepção. Ele conta, também, com a contribuição de pensadores como Octavio Paz, Julio Valle-Castillo, Luiz Costa Lima e Angel Rama, objetivando analisar aspectos relacionados à música e ao mito na obra poética de Rubén Darío, o diálogo entre esses temas e a tradição literária, e a importância dos mesmos para o movimento Modernista Hispano-americano.

RODRIGO GARCIA BARBOSA (Doutor – UFLA)

rodrigobarbosa@dch.ufla.br

Mesa GT-2. Dia 19/11, 16h30min. Auditório do IC-2.

Poesia, imagem e memória: entrelaçamentos no poema

Dando continuidade a estudos sobre as relações entre poesia, imagem e memória, o presente trabalho toma o poema como um espaço de encontros e entrelaçamentos que articulam dialeticamente presença e ausência, linguagem e silêncio, imagem e palavra; inquietações de onde emerge a própria poeticidade. Para tanto, a proposta se apoia em autores como Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin, Georges Bataille e Aby Warburg para analisar, a partir dos horizontes traçados, imagens poéticas recolhidas das obras de autores brasileiros modernistas e contemporâneos.

ROSANA CARVALHO DIAS VALTÃO (UFES)

rosanad@ifes.edu.br

Mesa 17. Dia 20/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

Regionalismo: entre a música e a literatura, o telúrico e a crítica

Literatura e música como expressão artística sempre estiveram ligadas aos princípios de conduta do meio social de onde emergiam. Rompendo com a tradição cultural, a produção artística brasileira nos meados do século XIX trouxe à baila uma escrita que revelava um país pitoresco, um personagem amante de sua terra; surge a produção regionalista buscando autodefinição da consciência local. Conquanto, o regionalismo atravessa o século e traz nova produção cultural, que fala diferentes vozes, repartidas por diferentes códigos e linguagens, unificados todos na linguagem literária; literatura que abarca questões sociais do extenso país, oportunizando às minorias direito de falar e de ser falado. A partir de 1930, a literatura procura romper com o controle do discurso literário e traz ao público-leitor outra percepção de mundo, dando acesso à voz aquele que fala com autoridade, tendo reconhecimento social e discurso de valor. Erige-se como forma de resistência, de luta para ser ouvida e (re)conhecida, o que abandona o regionalismo folclórico e baliza a construção de uma literatura regional, realista e legítima, com cor, crenças, sofrimento e alegrias que atravessam a identidade brasileira e apresentam ao leitor sua verdadeira terra. A obra de arte instaura a produção de um regionalismo social engendrado pela relação indivíduo e meio social, homem e poder. Uma temática constante também na produção musical brasileira; a música regionalista, com ritmo, instrumentos, tons e rimas tão peculiares, é identitária de sua gente e seu povo. Propomos, deste modo, uma interlocução com as produções *Asa Branca* e *Sertão Sofredor*, de Luiz Gonzaga e *Campo Geral*, de Guimarães Rosa, no que se refere à temática regional, seja um regionalismo telúrico, seja o regionalismo crítico que desbrava a terra e aproxima-se da vida do homem do interior. Para este diálogo tomamos os trabalhos de Candido (2010), Dalcastagnè (2012) e Glissant (1981).

ROSÂNGELA PEREIRA DE TUGNY (UFSB/CNPq)

rtugny@gmail.com

Conferência I. Dia 19/11, 9 horas. Auditório do IC-2.

De cosmopistas, palavras-comida, proto-palavras e cantos colhidos

O encontro com o universo das artes verbais dos povos ameríndios é ainda recente no Brasil. No entanto, assim que os poetas, pesquisadores, músicos e escritores, começam a cotejar os especialistas indígenas, percebem o impacto conceitual e metodológico que este encontro provoca. Além do universo de imagens, sentidos e conhecimentos de mundos por nós desconhecidos – de mundos Outros, a bem dizer – que estas artes produzem, elas provocam outro deslocamento: são parte de ontologias que concebem palavras, cantos, comidas, corpos e outras agências de forma radicalmente distinta daquela que conhecemos. Assim, música, imagem e literatura podem ser parte da mesma materialidade de que são dotadas outras substâncias capturadas nas florestas, distanciando-nos daquele domínio da comunicação ou interlocução entre sujeitos, ou mesmo da noção de criação que vimos concebendo. Desta forma, os planos da imagem, do gesto da dança, do som cantado ou soprado e da narração estão em permanente continuidade. Por meio de exemplos de textos poéticos ou cantos ameríndios hoje publicados por autores indígenas tentaremos retrair parte desta experiência.

RUTZKAYA QUEIROZ DOS REIS (Doutora – Centro Universitário Padre Anchieta), TADEU MORAES TAFFARELLO (Doutor – UEL), LUCIANA GASTALDI SARDINHA SOUZA (Doutora – UEL), DIEGO LUCIANO RODOLFO (Graduado – UEL), DANIEL HENRIQUE HILÁRIO (Graduado – UEL)

rqueiroz@anchieta.br, tadeutaffarello@gmail.com, lucianagastaldi@uel.br

Mesa 18. Dia 20/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

Relação texto-música em Pequenos Funerais Cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo (1969) de Almeida Prado

Composta em 1969, a peça para solistas, coro e orquestra *Pequenos Funerais Cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo*, do compositor paulista Almeida Prado, repropõe na linguagem musical o poema homônimo de Hilda Hilst, em um momento relevante da carreira do compositor dada a espécie de síntese de seu conhecimento até a época, sobretudo em aulas formais com Camargo Guarnieri e em contatos informais com Gilberto Mendes, ganhando o prêmio do I Festival de Música da Guanabara e proporcionando novos conhecimentos com a posterior ida à Europa. A análise da partitura de Almeida Prado e do texto de Hilda Hilst permite observar os elementos que compõem um novo discurso, a saber, o músico-textual. A peça musical de Almeida Prado é iniciada sem texto na parte que o autor nomeou “Corpo de Fogo”, funcionando como uma introdução também da temática da peça, tornando sensível sonoramente a ascensão e queda de um avião em referência à morte trágica do poeta homenageado. Seguem essa, outras partes nomeadas “Corpo de Terra” de I a VI, para as quais são fundamentais as seis primeiras estrofes do poema de Hilst, convergindo para um tratamento musical que faz emergir o corpo da obra do poeta Carlos Maria de Araújo, no mesmo movimento e momento em que seu corpo físico – do cidadão Carlos Maria de Araújo – submerge nas terras da morte e esquecimento. Recursos composicionais advindos da prática musical da Idade Média, como o uso de cantochão, tenor e tom salmódico, bem como um motivo com variações e ressonâncias, com defasagem nas entradas das vozes, e ainda o uso de uma rítmica entrecortada e da fragmentação da palavra entre as vozes do coro, por exemplo, propõem o funeral para a vida terrena, e o canto para a obra poética de Carlos Maria de Araújo.

SANDRO NERY SIMÕES (Mestrando – FDV)

sandronery@gmail.com

Mesa 18. Dia 20/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

Um estudo das obras *Cenas Infantis op. 15* de Robert Schumann e *Sinfonia Fantástica op. 14* de Hector Berlioz

O trabalho investigou a relação entre a linguagem musical e a linguagem literária, procurando compreender de que forma, em determinadas obras musicais, aparecem características inerentes à poesia ou ligadas à prosa. Objetivou mostrar que a música instrumental pode transcender os limites meramente musicais, e, através de seu desenvolvimento discursivo, e da sonoridade pretendida pelo compositor, mimetizar um discurso poético ou um discurso em prosa voltado aos gêneros narrativo ou descritivo. Fez um estudo de duas obras musicais importantes do século XIX, relacionando-as com características literárias: a obra *Cenas Infantis op. 15*, do compositor alemão Robert Schumann, e a sua ligação com a poesia, e a obra *Sinfonia Fantástica op. 14*, do compositor francês Hector Berlioz, e a sua ligação com a prosa. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, tomando como base teórica Charles Rosen, e Enrique Garcia Revilla, que guiaram nosso objeto de estudo. O procedimento utilizado foi o de análise de como cada movimento das obras supracitadas se integram num todo harmônico e fortemente interligado, de forma similar ao que ocorre nas obras literárias. O eixo temático escolhido foi "A prosa e/ou a poesia na música". O tema é relevante pois permitiu, através de estudos das peças musicais mencionadas, compreender que é possível desenvolver aspectos literários em uma composição, e de que modo se diferencia em música, a prosa e a poesia

SOLANGE FIUZA CARDOSO YOKOZAWA (Doutora – UFG – CNPq)

solfiuza@gmail.com

Mesa GT-3. Dia 20/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

Reconfigurações da poesia lírica em Cesário Verde e João Cabral de Melo Neto

Proponho apresentar o projeto de pós-doutoramento em desenvolvimento na Universidade do Porto/UP, Portugal, e na Universidade Federal Fluminense/UFF, Brasil, em que examino as complexas relações entre João Cabral de Melo Neto e a tradição poética portuguesa e o modo como ele se reconhece nessa tradição por meio de Cesário Verde. Entre as atividades propostas no projeto, constam: o levantamento da recepção de Cabral pela crítica portuguesa e de Cesário pela crítica brasileira; a leitura poético-crítica de Cabral por poetas portugueses e de Cesário por poetas brasileiros e o exame de confluências entre os dois poetas.

SUSANA SOUTO SILVA (Doutora – UFAL)

susoutos@yahoo.com.br

Mesa GT-4. Dia 20/11, às 16h30min. Auditório do IC-2.

O que come o texto poético?

As relações tróficas estão em toda a nossa vida, orientando um conjunto de relações que se estabelecem entre nós humanos, entre nós e os animais, entre nós e os vegetais, enfim, entre nós e o mundo. O verbo "comer" há muito se multiplicou em mil metáforas e passou a transitar por diversos campos, inclusive o da escrita. Glauco Mattoso devora a antropofagia oswaldiana e recola em cena o movimento de devoração, a partir da noção de coprofagia, que inclui, no processo digestivo, o que seria da ordem do não nutritivo e do não palatável. O que aproxima e distancia a antropofagia de Oswald de Andrade e a

coprofagia de Mattoso? No âmbito da escrita, como atua a metáfora da “merda”? Essas perguntas serão enfrentadas, aqui, a partir da análise do “Manifesto coprofágico”, como também de outros poemas e textos de difícil classificação que compõem o *Jornal DOBRABIL* (1977-1981), o livro mais inovador desse poeta desconcertante.

SYLVIA CRISTINA TOLEDO GOUVEIA (Doutoranda – UnB), BEATRIZ SCHMIDT CAMPOS (Mestranda – UnB)

sylvinhatoledo@gmail.com, bscampos@yahoo.com.br
Mesa 2. Dia 19/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

As sinfonias pastorais de Beethoven e de André Gide: um estudo da comunicação interartes à luz da melopoética e da Teoria das Tópicas

As relações entre a literatura e a música podem ser estudadas basicamente a partir de três categorias: música e literatura, quando texto e música coexistem, como na canção popular, *lieds*, ópera etc.; a literatura na música, que tem origem no Romantismo, em obras como “música programática” ou “poema sinfônico”; a música na literatura, pelo uso temático da música no texto, que pode ser denotado pela alusão a qualquer elemento de natureza originalmente musical que contribua para a construção do texto literário. A sexta sinfonia de Beethoven – *A Sinfonia Pastoral* – foi composta no ano de 1808 e é considerada uma obra precursora da música programática, que possui como características elementares o potencial descritivo e a capacidade de evocar acontecimentos extramusicais através de meios musicais. Em 1919, André Gide publica, na França, o romance *A Sinfonia Pastoral*, no qual um narrador-personagem relata, em um diário, as memórias de sua vida no campo. Verifica-se, de início, a presença da tópica pastoral em ambas as obras, sendo que consta no romance de Gide uma menção direta à sexta sinfonia de Beethoven. Entretanto, os diálogos estabelecidos superam a seara da temática e alcançam a dimensão estrutural da narrativa, por meio de uma estética intersemiótica na qual o andamento do romance acompanha os movimentos da obra sinfônica homônima. Constata-se, assim, que as três categorias das relações entre a música e a literatura encontram-se presentes no diálogo entre Gide e Beethoven. O alcance dessas categorias, que acusam no romance a presença da música, torna-se possível por intermédio de uma abordagem teórica fundada na melopoética e na Teoria das Tópicas, de Meyer. A partir desta abordagem são extraídos, do diálogo entre as duas obras, objetos analíticos da significação literária e musical que contribuem para o enriquecimento dos estudos voltados à comunicação interartes entre a literatura e a música.

TADEU MORAES TAFFARELLO (Doutor – UEL), LÍGIA FORMICO PAOLETTI (Doutora – Centro Universitário Padre Anchieta)

tadeutaffarello@gmail.com, ligia.paoletti@anchieta.br
Mesa 2. Dia 19/11, 14 horas. Sala 7, IC-4.

O percurso de deslocamento de sentido das personagens Don Juan e Estátua do Comendador presente na micro-ópera *L'uom di sasso...* (2015), de Tadeu Taffarello

A presente comunicação traça o percurso de deslocamento de sentido das personagens Don Juan e Estátua do Comendador construído por meio da intertextualidade e da intermusicalidade ao longo de aproximadamente quatro séculos. Em obras escritas ao longo dos séculos XVII e XVIII, tais como nas peças de teatro *El Burlador de Sevilla y convidado de piedra* (1630) de Tirso de Molina, *Don Juan ou le festin di pierre* (1667) de Molière e na ópera *Il dissoluto punito ossia Don Giovanni* (1787) de Mozart, com libreto de Lorenzo da Ponte, Don Juan e seu convidado de pedra são apresentados como

personagens de personalidades antagônicas: enquanto Don Juan é astuto, dissimulado, perito em disfarces, manipulador, sedutor, tentador, intimidador, frívolo, libertino, sarcástico, conquistador, irresponsável e quase certo de sua impunidade; o Comendador parece ser a única personagem com caráter nobre o suficiente para buscar honrar a sua família e, desse modo, desafiar Don Juan. Dentro de um paradigma cristão-católico, nestas três versões, os crimes cometidos por Don Juan não ficam impunes e a Estátua do Comendador é a personagem utilizada como agente da vontade de Deus, aquela que coloca as coisas em seu devido lugar e reestabelece a ordem moral dentre os mortais. Ao longo do século XIX, em obras de Hoffmann, Byron e Zorrilla, abre-se caminho para a redenção do dissoluto. Já no século XXI, Saramago em seu *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido* (2005), escrito como libreto para a ópera *Il dissoluto assolto* (2005) de Corghi, promove a punição do dissoluto por meio de forças humanas, a sua absolvição por meio do amor da camponesa Zerlina e a liberdade de escolha de seus próprios destinos ao agora casal Don Juan/Zerlinda. A partir disso, contextualiza-se e analisa-se a intertextualidade e a intermusicalidade existentes na micro-ópera *L'uom di sasso...* (2015) de Tadeu Taffarello.

TAZIO ZAMBI DE ALBUQUERQUE (Doutorando – IFAL / USP)

tzambi@gmail.com

Mesa 1. Dia 19/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

“Smetak & Muzak”: a poética de Araçá azul

O álbum *Araçá azul* (1972), do cantor e compositor Caetano Veloso, se inscreve nos repertórios poético e musical brasileiros como nó onde convergem diversos programas construídos sob a égide do experimental. Diante dos procedimentos mobilizados em sua tessitura, da operação do estrato sonoro à organização visual do projeto gráfico, os vetores que informam o LP colocam em destaque as relações entre poesia e tecnologia no século XX. Neste trabalho teremos como objetivo analisar a faixa “Épico” com o intuito de demonstrar os modos a partir dos quais se constitui o agenciamento disruptivo engendrado pela experiência de escuta. Conjunto heterogêneo de repertórios e práticas no intervalo entre a poesia e a música, *Araçá azul* estabelece um diálogo intenso com as discussões promovidas pelo concretismo paulista, com as experimentações levadas a cabo pelas vanguardas históricas e neovanguardas, bem como com a paisagem tecnocultural do pós-Guerra, constituindo-se como a culminância de um programa que se insurge contra as fronteiras do poema.

THAÍSE VALENTIM MADEIRA (Doutora – UFMG/PARIS III)

thaisevalentim@gmail.com

Mesa 17. Dia 20/11, 16h30min. Sala 25, IC-4.

Os senhores da casa ou as senhoras do céu: tensões e representatividades na literatura brasileira e nas canções do Reinado Mineiro

Na sociedade escravocrata, a casa grande, como chamou o escritor Gilberto Freyre (1933), era o lugar de equilíbrio, proteção e controle das atividades econômicas, humanas, religiosas e sexuais. Uma verdadeira forma de autoridade do patriarcado familiar, que reverberou na construção da sociedade brasileira. Por outro lado, a figura da mulher e da mãe se desenvolveu no ambiente escravistas, construída através da devoção a Nossa Senhora do Rosário. A mulher se tornou a senhora do céu, responsável pela ligação entre os escravos com seus antepassados, trazendo ao Brasil a ancestralidade das realidades africanas. Este trabalho tem como objetivo analisar o contraponto entre relatos de uma sociedade

patriarcal, observados na literatura brasileira, e o espaço das realzas femininas construídos pelos escravos brasileiros e percebido nas canções do Reinado Mineiro. Como metodologia, será realizado um estudo comparativo entre os textos escritos (análise dos discursos literários) e os textos sonoros (etnomusicologia), este segundo identificando na música (*estrutura*, nas suas palavras) o seu plano de expressão (fonologia e gramática) e a *cultura* (ou *comportamento*), como o contexto no qual tais canções existem. As construções ideológicas presentes nos dois tipos de texto pretendem evidenciar dois locais de fala distintos, que confrontados, demonstram a disputa de poder e representação social em vários âmbitos: cultura literária X cultura oral, colonizador X colono, casa grande X senzala, forças materiais X ancestralidade, entre outros.

VINICIUS CARVALHO PEREIRA (Doutor – UFMT)

viniciuscarpe@gmail.com

Mesa GT-3. Dia 20/11, 14 horas. Auditório do IC-2.

Poesia surda: revendo a noção de lírico

Hoje uma das línguas oficiais do Brasil, a LIBRAS (ou Língua Brasileira de Sinais) é um dos idiomas em que se produzem manifestações poéticas em território nacional. No entanto, são escassos, senão inexistentes, estudos acadêmicos acerca desses textos – seja pela recente criação dos cursos de graduação em Letras Libras, pelo caráter marginalizado dos sujeitos surdos em nossa sociedade ou mesmo por impasses conceituais inerentes à poesia surda. Afinal, como entender como lírica uma poesia que prescindir do som, mas sem abrir mão do verbo? Trata-se de textos constituídos por um regime semiótico que não opõe o verbal e o visual; em vez disso, amalgama-os no silêncio. Para melhor compreender como a noção de lírico é resignificada no mutismo da palavra gestual, o presente artigo relê teorias clássicas do poema e da poesia, colocando-as em relação dialética com textos de autoria do poeta surdo Nelson Pimenta.

VIRGÍNIA CÖELI PASSOS DE ALBUQUERQUE (Mestre – UFES)

virginia.vix@terra.com.br

Mesa 4. Dia 19/11, 14 horas. Sala 25, IC-4.

A língua lambe... o corpo e os poemas de Drummond

O amor natural, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1992, cinco anos após a morte do poeta, já foi objeto de estudo de alguns pesquisadores sobre o erotismo, seja do ponto de vista filosófico, seja psicanalítico. Não se trata aqui de discorrer sobre o tema em tais aspectos, mas apontar, por meio da análise de alguns poemas do livro, as aproximações dos efeitos sonoros poéticos com o canto e a dança eróticos. Pretende-se, com o estudo, investigar os procedimentos linguísticos adotados pelo poeta para esculpir, no corpo do poema, seu próprio corpo, suas próprias sensações e, como não arriscar, sua própria atividade sexual. Assim, a partir de conceitos provenientes da estilística, como sinestesia, repetição, aliteração, assonância, rima e ritmo, espera-se provar a hipótese de que, mesmo ao abordar um tema que o poeta mineiro considerava ousado, a forma dos poemas e o apuro técnico da expressão configuram a materialidade do amor carnal, feito "*Cavalo solto pela cama / A passear o peito de quem ama*". Trata-se, portanto, de compreender o sujeito lírico na perspectiva da corporeidade de suas emoções por meio dos recursos poéticos utilizados.

WALACE RODRIGUES DA SILVA (Mestrando – PUC-Rio)

walace.rodrigues@hotmail.com

Mesa 14. Dia 20/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

“A lição de violão”: a relação contraditória entre o artista e o público

O presente discurso tem por objetivo principal apontar a contradição entre a rejeição à figura do músico popular e a apreciação à sua habilidade musical, tendo por base a atuação do seresteiro Ricardo Coração dos Outros, no capítulo “A lição de violão”, que abre o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, escrito por Lima Barreto. Partindo das definições que Mário de Andrade e Stuart Hall usam para o termo “popular”, a proposta é apresentar uma terceira possibilidade para esse conceito e, com isso, refletir sobre o contato do músico popular com o público nas condições contraditórias em que se dava essa relação no capítulo em questão. Pretendo mostrar que a música popular é um dispositivo – no sentido agambeniano do termo – com grande capacidade de propagação e geração de empatia numa sociedade suburbana que possui a oralidade como traço característico, ao mesmo tempo em que, como construção social e linguagem que diminui as distâncias entre o artista e seu público, não consegue impedir que o músico popular sofra vários preconceitos sociais.

WALLACE VIEGAS SANTOS (Graduando, IC – UFF)

wa2l-santos@hotmail.com

Mesa 9. Dia 19/11, 16h30min. Sala 27, IC-4.

A poesia sonora afro-antilhana de Luis Palés Matos

A partir da pesquisa que está sendo realizada, vinculada à da professora-orientadora Gladys Viviana Gelado, da Universidade Federal Fluminense, sobre a produção e a recepção da poesia com o tema em torno à “questão do negro” no Caribe Hispânico e no Brasil, este trabalho propõe o estudo do processo de produção poética de Luis Palés Matos relacionado com a inserção de elementos culturais representativos e simbólicos da cultura afro-antilhana, associado a um dos eixos temáticos sugerido para o seminário “*O som e o ritmo na literatura*”, lançando um novo olhar sobre a identidade porto-riquenha, considerando o período que abrange o período vanguardista em Porto Rico, estendendo-se ao longo do século XX. A análise do *corpus* será feita por zona cultural específica, levando em consideração os questionamentos suscitados após as produções tanto no período do movimento literário na década de 1920 quanto no auge da produção de Luis Palés Matos na década de 1930. A bibliografia selecionada terá como base a obra principal do poeta *Tuntún de Pasa y Grifería* (1937). Também será feita leitura da crítica suscitada naquele período, assim como a consulta a outros tipos de textos, como ensaios e teses, que fazem referência à obra do autor.

WALLAS GOMES ZOTELI (Mestrando – UFES)

wallaszoteli@hotmail.com

Mesa 5. Dia 19/11, 14 horas. Sala 27, IC-4.

Valendo-se de Regina Dalcastagnè para observar o *lugar de fala* e o modo de representação do marginalizado em “Faroeste Caboclo”, da Legião Urbana

Amparado na concepção de que o rock guarda em suas letras o que se pode denominar de trunfo de seu projeto artístico, analisa-se a canção “Faroeste Caboclo”, do

Que País é Este 1978/1987, terceiro álbum da banda brasileira Legião Urbana, lançado em 1987. No entanto, a letra de música aqui não se restringirá a sua vertente escrita, pois será privilegiada sua versão vocalizada em interação com outros elementos performativos registrados na gravação em áudio tomada como objeto de estudo. Com maior ênfase, categorias como *lugar de fala* e *acesso à voz*, conforme tratadas por Regina Dalcastagnè, são analisadas tanto em relação à autoria quanto à construção do personagem João de Santo Cristo em sua épica via-crúcis. Para esboçar implicações possíveis a partir da relação e tensões entre autoria e acesso à voz de discursos subalternizados, aponta-se em linhas gerais o contexto em que o intérprete-compositor Renato Manfredini Júnior se estabelece como uma voz de influência por sua produção artística. Trata-se, portanto, de uma leitura pelo viés dos Estudos Culturais, que considera a canção em questão como suporte de narrativa e de discurso prosaico que carrega representações de alteridade.

WEVERSON DADALTO (Mestre – IFES)

weversondadalto@gmail.com

Mesa 3. Dia 19/11, 14 horas. Sala 8, IC-4.

A busca e a música para dois personagens de Julio Cortázar: Johnny Carter, de “O perseguidor”, e Horácio Oliveira, de *O jogo da amarelinha*

A música enquanto símbolo da busca é tema fundamental de “O perseguidor”, conto integrante de *As armas secretas*, de Julio Cortázar. Johnny Carter, personagem inspirado no saxofonista Charlie Parker e um dos mais conhecidos buscadores cortazarianos, quer alcançar algo como a saída do tempo e o ingresso na eternidade. Também para Horácio Oliveira, do romance *O jogo da amarelinha*, a música é via de acesso para o alargamento do presente ou para a experiência epifânica de ampliação do real. O jazz exerce para os dois personagens a mesma função que a literatura para Cortázar: a aleatoriedade, a desconstrução das formas, a tentativa de acesso a valores extraestéticos e a subversão do hábito fazem da música, assim como da narrativa literária, um instrumento privilegiado para a perseguição da transcendência.

WILBERTH SALGUEIRO (Doutor – UFES-CNPq)

wilberthcfs@gmail.com

Mesa GT-2. Dia 19/11, 16h30min. Auditório do IC-2.

Crítica de poesia brasileira no século 21: encontros e desencontros

A produção da crítica de poesia não acompanha a produção da própria poesia. Mesmo assim, é constante o interesse em pensar nossa poesia recente, seja em seus aspectos gerais, seja – sobretudo – em análises pontuais de poemas e livros. Saber o que pensa nossa crítica sobre a poesia de hoje é imprescindível. Elegemos sete textos, bem representativos, publicados nos últimos anos, para comentário e análise: 1) LUIZ COSTA LIMA e a mediocridade da crítica brasileira [“Apresentação”, *Eutomia* 9, 2012]; 2) PAULO FRANCHETTI e a importância da história [“Poesia contemporânea e crítica de poesia”, *Contexto* 23, 2013]; 3) ANDRÉ DICK e os donos dos assuntos [“Poesia brasileira contemporânea: algumas notas”, *Eutomia* 9, 2012]; 4) MARCOS SISCAR e as crises da poesia e da crítica [“As desilusões da crítica de poesia”, *Poesia e crise*, 2006]; 5) IUMNA MARIA SIMON e o sequestro do social pela “poesia perfumada” [“Tentativa de balanço”, *Novos estudos Cebrap* 94, 2012]; 6) HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA e a perspectiva culturalista [“Entrevista”, *Matraga* 27, 2010]; 7) SUSANA SCRAMIM e a crítica à crítica [“A crítica brasileira de poesia contemporânea: velhos debates, outras máscaras”, *Alea* 14,

2012]. Cada um deles e, mormente, o conjunto de todos nos fornecerão um quadro amplo e multiforme acerca de nossa crítica contemporânea de poesia brasileira.

WILSON COELHO (Doutor – UFF)

wilsoncoelho@gmail.com

Mesa 15. Dia 20/11, 16h30min. Sala 6, IC-4.

Literatura e música no corpo sem órgãos

O objeto central desta comunicação se dá pelo fato de que, constantemente, o poeta, ator e diretor de teatro e cinema francês, Antonin Artaud, centrou seu discurso no que diz respeito à palavra, inclusive, há os que afirmam – equivocadamente – que ele se propunha a aboli-la do teatro. Assim, tanto na questão da palavra quanto na relação da literatura com a música, parece oportuno um passeio pela sua emissão radiofônica, *Para acabar com o julgamento de deus*, datada de fevereiro de 1948. A melhor possibilidade de entender essa emissão para esse documento, para além de uma literatura, é ouvi-la como um registro musical ou, no mínimo, perceber a musicalidade com a qual ele é composto. Não é por acaso que André Almuro coloca o músico grego, Yannis Xenakis, bem como o francês e chefe de orquestra, Pierre Boulez, como uma espécie de herdeiros de Artaud e que parecem se situarem no prolongamento direto das “xilofonias” de *Para acabar com o julgamento de deus*. Ao analisar *Para acabar com o julgamento de deus*, Amuro estabelece, a partir das frases e palavras utilizadas no poema, uma grande aproximação como o domínio dos sons e dos ritmos, do *‘sprechgesang’*, entendido como um estilo vocal de expressão musical que oscila entre a fala e o canto. Como exemplo, coloca o vienense Arnold Schönberg quando compôs *Pierrot lunaire*. Assim, a ideia é demonstrar como Artaud trabalhou verdadeiramente nessa emissão como um músico. Também se faz imprescindível fazer um tipo de reconstrução do corpo como forma de reinvenção da linguagem, inclusive, a partir das glossolalias, ou seja, as palavras-gritos, os gritos e sopros que definem a potência dos ritmos e a da invenção silábica.

YASMIN ZANDOMENICO (UFES)

yzandomenico@gmail.com

Mesa 1. Dia 19/11, 14 horas. Sala 6, IC-4.

Vocovisual no verbo: “O Pulsar” de Augusto de Campos e de Caetano Veloso

O presente artigo investiga as correspondências entre o poema “O pulsar” – da série “Stelegramas” [1975-1978] incluída no volume *Viva vaia – Poesia 1949-1979* –, de Augusto de Campos, e a sua musicalização por Caetano Veloso, gravada em distintos momentos, a saber: no compacto que acompanha *Viva vaia* [1979], no álbum *Velô* [1984] e em *Caetano Veloso* [1990]. Para tanto, a análise explora, além da poética do poeta paulista [com o livro *Sobre Augusto de Campos*, organizado por Flora Süssekind e Júlio Castañon Guimarães], as potencialidades da relação poesia-música [a partir dos artigos “Poesia e música: semelhanças e diferenças”, de Lucia Santaella, e “Poemas como partituras: Augusto de Campos y Caetano Veloso”, de Felipe Cussen] e a maneira como elas – as potencialidades – se manifestam na passagem de um sistema sógnico a outro [tendo em vista as considerações de Julio Plaza em *Tradução intersemiótica*].



INFORMAÇÕES RELATIVAS A TRANSPORTE, HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO

Como chegar

Para quem vem de ônibus: a Rodoviária de Vitória fica na região do Centro da cidade, no bairro chamado Ilha do Príncipe. Da Rodoviária ao Campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde ocorrerá o evento, o trajeto é de 10 km, aproximadamente, e leva em torno de 20 ou 30 minutos de carro, táxi ou ônibus. Para quem vem de avião: o Aeroporto de Vitória fica no bairro Goiabeiras, próximo ao Campus da Universidade Federal do Espírito Santo, onde ocorrerá o evento. O trajeto é de 6 km, aproximadamente, e leva em torno de 10 ou 20 minutos de carro, táxi ou ônibus. Saindo do Aeroporto ou da Rodoviária em direção à Ufes, pode-se embarcar em qualquer ônibus que passe pela avenida Fernando Ferrari, no bairro Goiabeiras (são muitas opções). Saindo do Aeroporto ou da Rodoviária em direção à Orla de Camburi (onde ficam os hotéis recomendados pela organização), pode-se embarcar em qualquer ônibus que passe pela avenida Dante Michelini (são também muitas opções).

A Ufes e o entorno

O Campus Universitário em que ocorrerá o evento fica na Av. Fernando Ferrari, no Bairro Goiabeiras, Vitória. O bairro mais próximo com melhor infraestrutura chama-se Jardim da Penha. O bairro de Jardim da Penha fica entre a Orla de Camburi (onde ficam os hotéis recomendados pela organização) e a Ufes; também os bairros da Praia do Canto e de Jardim Camburi oferecem boas opções de restaurantes, hotéis e diversões em geral.

Uma vez no Campus Universitário de Goiabeiras, informações podem ser pedidas na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras, no térreo do Prédio Bárbara Weinberg, que fica localizado em frente à Adufes, próximo ao CCHN. Mais informações sobre a Universidade podem ser obtidas em: <http://portal.ufes.br/>.

Hotéis recomendados

Recomenda-se, pela proximidade com o Campus e com a Orla de Camburi, os seguintes hotéis, todos localizados na Avenida Dante Michelini (os valores das diárias em apartamentos duplos variam entre R\$ 120,00 e R\$ 280,00 reais):

Best Western Pier – (27) 3434 0000
Bristol Century Plaza – (27) 3335 6500
Camburi Praia – (27) 3334 0303
Canto do Sol – (27) 3395 1700
Comfort Vitória – (27) 3041 9500
Diamond – (27) 3395 3400
Minuano – (27) 2121 7877
Sol da Praia – (27) 2127 1500

Restaurantes

O Restaurante Universitário da Ufes fica próximo à Biblioteca Central, a menos de 5 minutos do local de realização do evento. A alimentação é de boa qualidade, com variado buffet de saladas, duas ou mais opções de carne e opção de arroz integral ou branco, e inclui suco e sobremesa, pelo valor de R\$ 4,50 para não cadastrados e R\$ 1,50 para cadastrados. Ainda na Ufes, há o restaurante Cia. do Sabor, situado no Centro Tecnológico (CT), próximo do IC-IV.

Há vários restaurantes self-service populares muito próximos à Ufes; ficam na Avenida Anísio Fernandes Coelho, conhecida como Rua da Lama – que também congrega os bares mais frequentados pelo público universitário, à noite. Todos em torno de R\$ 40,00 o quilo. Esses ficam a 5 minutos a pé, em relação ao portão principal do Campus.

Algumas outras opções, no próprio bairro de Jardim da Penha, são: os restaurantes self-service Chico Bento, Ferreirinha Grill e Sabor e Arte; Corais e Panaché; o Bacalhauzinho, o Cantina de Bacco, a Churrascaria Minuano, o Divino Botequim, o Partido Alto, o Porto do Bacalhau, o Portomare, a la carte. A cafeteria Kaffa também serve almoço executivo. Todos ficam a 5 ou 10 minutos de carro ou táxi em relação ao portão principal do Campus.

Pontos de táxi

Em Vitória, os táxis raramente ficam “rodando” pela cidade; é necessário telefonar para um ponto e solicitar um carro. A corrida entre o aeroporto e a Ufes fica em torno de R\$ 20,00; entre a rodoviária e a Ufes em torno de R\$ 40,00. É importante pedir que o motorista ligue o taxímetro, caso não o faça imediatamente. Pontos mais próximos à Ufes: (27) 3314 1372 / 3314 0003 / 3314 3774 / 3324 0758 / 3325 7925 / 3325 6106.

Pontos turísticos da cidade de Vitória

Informações podem ser obtidas pelo site da Prefeitura de Vitória: <http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php>.

Para mais informações:

HOTÉIS: <https://xvcelpglufes.wordpress.com/hospedagem/> OU
<https://drive.google.com/file/d/0B1pSGnkghOP4OFpqV0FHQ04wTXVSZnZLS240M1Jsa1I2NkdB/view>

BARES E RESTAURANTES:

<https://drive.google.com/file/d/0B1pSGnkghOP4RmVsUFBGcFNxOGhhREUydVNsamlwbExVRGlz/view>

OPÇÕES DE LAZER:

<https://drive.google.com/file/d/0B1pSGnkghOP4Y0I6WWRNV3h3YVI1VThOUmZqa2dFX1BoRmNF/view>

NORMAS PARA ENVIO DO ARTIGO

O texto, a ser enviado até o dia 20 de dezembro de 2015 para entreliteraturaemusica@gmail.com, deverá ter entre 10 e 12 páginas, em formato A4 e salvo como arquivo doc; margens superior e esquerda de 3 cm, margens inferior e direita de 2,5 cm; fonte Times New Roman 12; espaçamento 1,5; citações de menos de três linhas no corpo do parágrafo e com aspas; citações de mais de três linhas em destaque, com recuo apenas à esquerda de 4 cm; sistema de referência (autor, ano, p.); notas de rodapé exclusivamente de caráter explicativo; bibliografia organizada segundo as normas da ABNT.

Apoios:

Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN),
Centro de Educação (CE)
Departamento de Línguas e Letras (DLL),
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG).

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:**

Página: <http://www.letras.ufes.br/>
E-mail: ppglufes@gmail.com
Telefone: (27) 4009-2524